

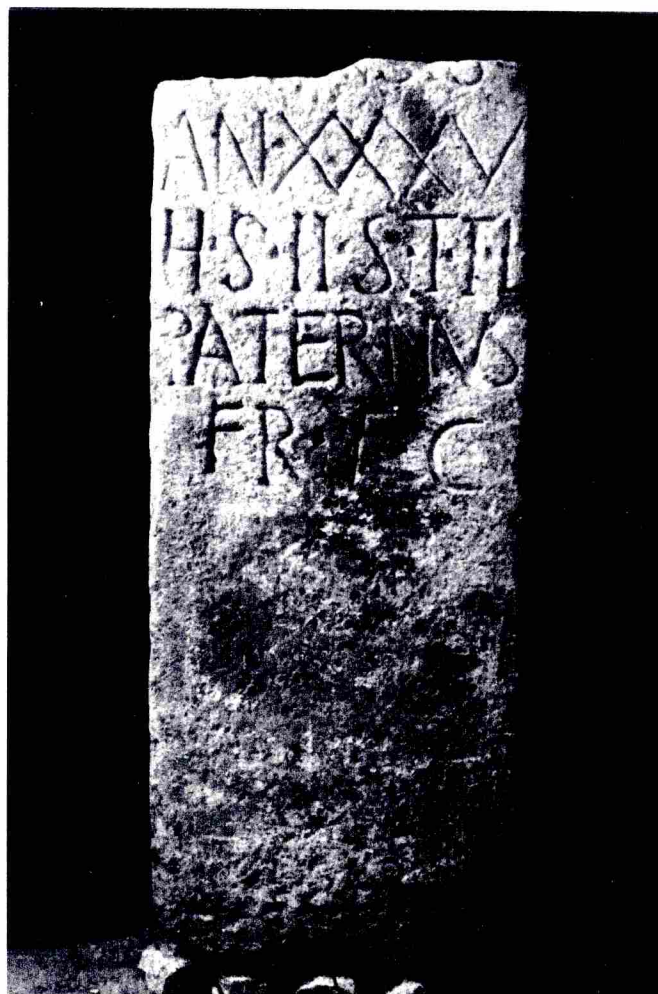


Associação de Estudos do Alto Tejo

Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

Joaquim Baptista

CARTA
ARQUEOLÓGICA
DA
FREGUESIA
DE
IDANHA-A-VELHA



Vila Velha de Ródão 1998

Joaquim Baptista



CARTA ARQUEOLÓGICA
DA
FREGUESIA DE IDANHA-A-VELHA

PRESERVAÇÃO
N.º 17

Apoios

Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico
IPA - Instituto Português de Arqueologia

Vila Velha de Ródão 1998

PRESERVAÇÃO, nº 17, Vila Velha de Ródão

Boletim da Associação de Estudos do Alto Tejo -
Núcleo Regional de Investigação Arqueológica
Avenida da Bela Vista (antigos Correios)
Tel./Fax: 072 - 54 11 22
6030 VILA VELHA DE RÓDÃO

Número de registo na DGCS: 116148

Director: Francisco Henriques

Autor: Joaquim Baptista (Rua de Guimarães, 6, 6060 Idanha-a-Velha)

Autor da foto da capa: Eng. Fernando Patrício Curado

Apoios:

- Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
- IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico
- IPA - Instituto Português de Arqueologia

Impressão e Acabamento:

GRAFICAMPO - Artes Gráficas, Lda.
Estrada de Tornada - Lavradio
2500 CALDAS DA RAINHA

Tiragem: 500 exemplares

**Solicita-se permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht**

Depósito Legal N.º134332/99
ISSN: 0874-5099

ÍNDICE

Introdução	7
Agradecimentos	15
Explicação do esquema adoptado	19
Monumentos e sítios situados no interior das muralhas	23
Monumentos e sítios situados no exterior das muralhas	39
Monumentos e sítios situados fora da área da cidade romana	59
Bibliografia	77
Figuras	109

INTRODUÇÃO

Idanha-a-Velha é uma pequena freguesia implantada no coração do vasto concelho de Idanha-a-Nova. Possui uma área de 17,9 km². Limita a norte e a leste com a freguesia de Monsanto da Beira, a nordeste com a de Medelim, a oeste com Proença-a-Velha e a sul com a de Alcafozes. Situa-se a cerca de 20 quilómetros de Idanha-a-Nova, 50 de Castelo Branco, 14 de Monsanto da Beira, 100 da Guarda e 300 de Lisboa.

A zona é marcada pela passagem do rio Ponsul que atravessa a freguesia egitaniense diagonalmente, de nordeste para sudoeste, correndo em vales apertados ou, por pouco tempo, em planície. Na sua passagem pelo sítio onde está implantada a povoação efectua um meandro apertado, factor determinante para a fixação de uma comunidade romanizada como terá sucedido há cerca de 2000 anos no tempo do imperador Augusto. No percurso dentro da freguesia recebe água de diversas ribeiras, algumas de certa importância especialmente da margem direita (Rio de Moinhos e Pessegueiro), sendo as da margem esquerda de menor importância (Vale das Hortas, Vale de Conde e Côvado). No rio Ponsul todos os anos sobem para desovar achigãs, carpas, barbos, bogas, bordalos e, mais recentemente, em grande número, percas. De há alguns anos a esta parte fizeram a sua aparição lagostins da Louisiana que se reproduziram da maneira explosiva, hoje em regressão. Houve há alguns anos lontras e enguias, estando actualmente excluídas deste *habitat*. Ao longo do Ponsul há restos de açudes e moinhos, lembrando outros tempos em que o rio estava povoado com gente trabalhando e residindo nas suas margens, na árdua tarefa de moer os cereais. O rio Ponsul é de tipo mediterrânico, podendo assumir grandes caudais nas estações mais pluviosas, e estar completamente seco no pino do Verão.

Geologicamente a freguesia é constituída por solos graníticos na parte norte e xistos e quartzitos a sul. Em tempos houve exploração de minério (ouro e volfrâmio) nos aluviões do rio e das ribeiras. Junto à Horta da Serra existem duas minas de água destinadas a abastecer a casa Marrocos e suas hortas (Serra e Pereiro). Uma das minas, a situada mais a norte, está em grande parte esbarrondada.

Os locais mais elevados da freguesia situam-se na proximidade dos marcos geodésicos (conhecidos por talefes): Bigorna (416 m); Corgos (420 m); Pombos (370 m) e Alagoas (393m). A aldeia situa-se numa altitude média de 280 metros, rodeada por montes de todos os pontos geográficos. A cobertura vegetal é diversificada. Existem grandes olivais e plantações de eucaliptos, além de bastantes azinheiras, sobreiros, choupos, freixos e mimosas. Nas hortas junto ao Ponsul podem ver-se pessegueiros, laranjeiras, figueiras e abrunheiros.

A agricultura é ainda hoje a actividade económica com maior peso na freguesia. Espera-se que dentro de algum tempo o turismo e os serviços venham também a ter algum peso económico.

Ao nível da agricultura semeia-se em extensão culturas de sequeiro (trigo, aveia e centeio) e forragens para os gados. A pecuária vem assumindo um peso cada vez maior nesta zona onde facilmente se podem ver

a cada passo ovelhas, cabras e bovinos. Há quem possua colmeias mas em menor número que no passado, devido a doenças que vieram atingir o *gado do ar*.

O tipo de propriedade predominante é o grande latifúndio. Cerca de 98 % dos terrenos são pertença das famílias Marrocos e Franco.

Em tempos o território foi rico em caça onde abundavam coelhos, perdizes e lebres. No entanto, com o advento de várias situações (armas mais sofisticadas, maior número de caçadores, doenças a afectar os animais, menor zona cultivada, caça ilegal e desrespeito pela actividade venatória) estas espécies estão em retrocesso, no entanto existem cada vez mais raposas e vão também aparecendo alguns javalis.

São conhecidos poucos vestígios pré-históricos na área hoje pertencente à freguesia de Idanha-a-Velha. Foram apontados por alguns autores instrumentos do Paleolítico Inferior (Acheulense), nos terraços quaternários do rio Ponsul, só que a pouca frequência dos mesmos nos coíbe de falar em ocupação humana, instalação de acampamentos ou de estações arqueológicas. As seis peças Languedocenses recolhidas no Penedo Gordo são por demais uma amostra reduzida para generalizações com qualquer base científica.

O megalitismo está presente com apenas três monumentos. No entanto, apenas um deles ao ser escavado revelou espólio da época, por sinal bastante pobre. Os outros revelaram materiais mais recentes, sinal evidente de profanação antiga. Das restantes épocas pré-históricas há apenas a realçar o aparecimento de algum machado ou enxó de pedra polida, disperso e sem qualquer contexto.

Da proto-história não se conhece nenhuma estação arqueológica nesta freguesia.

Com o advento da romanização este pobre panorama arqueológico é mudado subitamente. Parece ter havido colonização intensa deste espaço. Até hoje, nunca foi achado qualquer vestígio pré-romano na área da aldeia de Idanha-a-Velha. Os investigadores antigos supunham ter havido uma ocupação anterior aos romanos, apenas apoiados em deduções feitas a partir da epigrafia aparecida ao longo dos séculos. Contudo, todas as escavações e observações feitas infirmaram tal hipótese. Parece pois que a fundação de Idanha-a-Velha terá de ser procurada algures durante o governo do imperador romano Augusto, como supomos pela informação mais antiga que a epigrafia nos oferece. A inscrição mais antiga, datada, é do ano 16 a. C. e revela que um emeritense doou um relógio de sol (?) aos egeditanos (Q . IALLIVS . SEX . F . PAPI . AVGV / ORARIVM . DONAVIT / IGADITANIS . I . A . F . PER . MAG . / TOVTONI . ARCI . F / MALGEINI . MANLIF . / CELTI . ARANTONI . F . / AMINI . ATI . F . / L . DOMITIO . AENOBARDO / L . CORNELIO . SCIPIONE . CO ///). Pelo ano 2 a. C. já possui termo fixo, sinal evidente que a organização espacial e administrativa estavam em pleno funcionamento, como atesta um marco delimitatório encontrado no Salvador, que define os limites entre egeditanos e lancieneses opidanos, e que hoje, infelizmente, se encontra desaparecido (IMP . CAESAR . AVGV . POMt / MAX . TRIB . POT . XXVIII / COS . XIII . PATER . / TREM

. AVG . INTER . LANC / OPP . ET . IGAEDIT).

O nome dos igitanos consta também da lista de povos que contribuíram para a feitura da ponte de Alcântara, hoje em território espanhol. O original desta inscrição foi lavrado no ano de 105 durante o governo do imperador Trajano.

Após estes factos, atestados pela epigrafia, pouco mais se sabe do que ocorreu na época romana. As escavações têm sido escassas e o material proveniente destas está praticamente todo inédito.

Com as invasões germânicas a Egitânia é integrada no reino suevo. Em meados do século VI, o rei Teodomiro elevou-a à categoria de cidade episcopal. Ainda no século VI passa a fazer parte do reino dos visigodos, que lhe mantêm o bispado. São conhecidos alguns bispos presentes em diversos concílios (Adorico no 2º concílio de Braga em 572; Licério no concílio de Toledo em 597; Montensis nos concílios de Toledo de 633 e 638; Arménio no concílio de Toledo de 646; Síclua no concílio de Toledo de 653 e no de Mérida em 666; Licério no concílio de Toledo de 681; Monefonso nos concílios de Toledo de 683 e 688, e por fim Argensindo presente no concílio de Toledo de 693) para além de outros considerados fantásticos. Durante todo o reinado dos visigodos a cidade parece ter prosperado, sendo sinal inequívoco deste facto o acunhamento de moeda por parte de alguns dos seus reis (Recaredo, Sisebuto, Sisenando, Tulga, Recesvinto e Rodrigo) e as numerosas pedras de mármore trabalhadas encontradas até ao momento. Mas, curiosamente, a epigrafia deste período é praticamente inexistente. O nome Egitânia é-lhe autorgado pelos visigodos.

Em 713 os árabes invadem a península Ibérica e conquistam a Egitânia. Mas, ao contrário do que reza a historiografia tradicional e nacionalista, estes não a terão arrasado conforme é comum ver escrito. Pelo contrário parece ter havido um florescimento acentuado, a crer nos historiadores muçulmanos. “O termo de Coimbra parte com o de Egitânia. Egitânia encontra-se a oriente de Coimbra e a ocidente de Córdova. É uma cidade muito antiga, situada sobre o rio Tejo, forte e bem dotada, com um território bem provido de cereais, de vinhas, de caça e de peixes e um solo fértil. Neste território, há fortes castelos onde o clima é mui são, tal como o de Monsanto, que é muito sólido; o de Arronches; o de Montalvão, que se encontra no cimo de um monte muito elevado; o de Alcântara que é uma bela localidade. Há em Alcântara uma ponte sobre o Tejo de que se não poderia encontrar semelhante no mundo; o território desta vila é propício à criação de gado, à caça e à criação de abelhas. Da Egitânia a Córdova há 380 milhas¹”.

Ao certo não se sabe quando foi conquistada pelos cristãos. É ponto assente que em 1199 D. Sancho I pede autorização ao papa Inocêncio III para trasladar o bispado para a Guarda, que o mesmo monarca tinha fundado, sinal evidente que a velha cidade episcopal estava em plena degradação e que o bispo aí não estaria em segurança. Após este episódio assiste-se a variadas tentativas de repovoamento por parte de reis e ordens religiosas, contudo sem efeitos práticos. A tentativa de maior monta deve ter ocorrido nos finais do século XV, princípios do Séc. XVI, e foi efectuada por D. Manuel I quando ainda era Grão Mestre da Ordem de

¹ Crónica do Mouro Razis, in António Borges Coelho, Portugal na Espanha Árabe, Lisboa, 1972.

Cristo, continuada após a sua subida ao trono. Neste período manda reparar a Sé, dá carta de foral em 1510 e manda possivelmente construir ou reparar a ponte sobre o Ponsul, que geralmente é tida como romana. No casario de Idanha-a-Velha ainda são nítidos alguns vestígios desta época, como portados e janelas biseladas, o pelourinho e a antiga *domus municipalis*.

Do Séc. XVII até ao presente a história da Egitânia é um tanto obscura e não é portadora de registos de especial monta, vindo sempre perdendo importância e chegando mesmo a ser integrada como simples lugar na freguesia de Alcafozes, no século passado. Em 1932 passa a constituir novamente freguesia, este facto não foi fruto de qualquer tipo de desenvolvimento, antes uma tomada de posição por parte de algumas personalidades, tendo em conta o passado glorioso de Idanha-a-Velha.

Actualmente, Idanha-a-Velha tem cerca de 90 habitantes.

O interesse pelas antiguidades de Idanha-a-Velha começa no Renascimento, embora com pouca pujança. Os primeiros verdadeiros interessados foram os arqueólogos José Leite de Vasconcelos, Félix Alves Pereira e Francisco Tavares Proença Júnior, nos princípios do século XX. Mas nem sempre Idanha-a-Velha lucrou com este interesse, pois este resumiu-se quase à delapidação do seu património móvel. Assim, foram enriquecidas as colecções epigráficas dos museus Nacional de Arqueologia e Etnologia e Francisco Tavares de Proença de Castelo Branco. No entanto, F. Alves Pereira ainda efectuou algumas escavações e publicou alguns trabalhos temáticos sobre a zona.

Após estes investigadores desaparecerem prematuramente, a investigação arqueológica esteve praticamente arredada de cena até meados dos anos 50, altura em que aparece Fernando de Almeida. Este arqueólogo aqui procedeu a pesquisas até 1973. Durante estes anos escavou e recuperou a Sé Catedral, trouxe de Lisboa a maior parte do espólio epigráfico de Idanha-a-Velha², criou uma reserva visitável de materiais arqueológicos na capela de S. Dâmaso e efectuou dezenas de pequenas escavações por todo o termo egitaniense e não só. Durante anos foi coadjuvado pelo Eng^o Octávio da Veiga Ferreira. Destas acções resultaram quantidades apreciáveis de materiais arqueológicos que estão por estudar, já que Fernando de Almeida apenas apresentou monografias sobre a epigrafia e sobre elementos arquitectónicos visigodos e estruturas habitacionais. Sendo assim, estão por estudar milhares de peças de *terra sigillata*, cerâmicas diversas, moedas, bronzes e outros materiais. Mais grave ainda é o facto de se desconhecer o paradeiro da maior parte deste espólio e não haver qualquer inventário.

Segue-se um período de marasmo até 1984, altura em que o ex-IPPC elabora um plano de reanimação das ruínas, sob a direcção de Luís Pascoal, mas de curta duração. Neste período é encerrada a reserva

² Fernando de Almeida era director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

visitável da capela de S. Dâmaso e parte do espólio aí existente desaparece.

Mais uma vez surge a inactividade até que a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, decide criar o Gabinete de Arqueologia, organismo que continua em plena actividade.

Durante estes anos a estação foi alvo de actividades esporádicas do Serviço de Arqueologia da Zona Centro, como aconteceu no acompanhamento das obras do saneamento básico e algumas sondagens pouco significativas.

A cartografia arqueológica do distrito de Castelo Branco tem o seu começo em 1910, quando Francisco Tavares Proença Júnior publica a sua *Carta Archeológica do Districto de Castello Branco*³. Desde essa data alguns contributos têm vindo a ser publicados, sendo de destacar os elementos dados a conhecer pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, em especial para a zona sul do distrito⁴. Surgiram ainda outros trabalhos dispersos tratando os concelhos de Penamacor⁵, Covilhã⁶, Fundão⁷, Castelo Branco⁸ e região egitaniense⁹.

O presente contributo para o conhecimento de Idanha-a-Velha já tem alguns anos de execução, divididos entre a recolha oral junto das populações, a pesquisa em bibliotecas e centros de documentação, a prospecção em campo, a cartografia, a elaboração de fichas e por fim a apresentação de todas estas acções em opúsculo. Não foi objectivo prioritário elaborar um trabalho de alto rigor científico, nem proceder a sínteses, para as quais ainda não possuímos dados de vária ordem. Antes quisemos revelar e apresentar um trabalho de 12 anos e que é um contributo para um conhecimento dos locais onde ainda é possível defender e proteger o património arqueológico de Idanha-a-Velha. Não pensamos contudo que o património se defende sem o apoio e sensibilização da população. Em Idanha-a-Velha as pessoas ainda não estão sensibilizadas para a riqueza que têm às suas portas. Foram perdidos muitos anos em que a investigação arqueológica andou de costas viradas para a população, sendo os projectos desde sempre elaborados à margem das gentes de Idanha-a-Velha. Assim é urgente, antes de mais, a sensibilização das pessoas, pois não são suficientes só medidas administrativas para defender o património. Para concluir, devemos ter a coragem de desencorajar

³ Francisco Tavares Proença Júnior, *Archeologia do districto de Castello Branco* (1.ª contribuição para o seu estudo), Leiria, 1910.

⁴ Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Mário Chambino, *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, 2 e 3, *Preservação*, Vila Velha de Ródão, 14 a 16, 1993 e 1995.

⁵ Joaquim Batista, *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Penamacor até ao domínio romano*, *Actas do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, 1983, p. 71-79.

⁶ Luís Plácido e Carlos Santos Marques, *Subsídios para a carta arqueológica da Covilhã (período romano)*, Covilhã, 1980. António Manuel Rodrigues de Moraes e Fernando do Nascimento Maia, *As estações pré-romanas do concelho da Covilhã*, *Estudos de Castelo Branco*, nova série, Castelo Branco, 6, 1980, p. 10-26.

⁷ João Luís da Inês Vaz, *Inscrições romanas do Museu do Fundão*, *Conimbriga*, Coimbra, 16, p. 5-32.

⁸ Manuel Leitão, *Vestígios romanos do concelho de Castelo Branco*, *Trebaruna*, Castelo Branco, 1994, p. 23-40.

⁹ Octávio da Veiga Ferreira, *Subsídio para a carta arqueológica da região egitaniense*, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 4, 1977, p. 227-235

pseudo-melhoramentos e fiscalizar eficazmente as obras clandestinas que têm contado com a benevolência dos organismos autárquicos. Resta esperar também que se abram as portas para melhorar o nível de vida da população em muitos aspectos, o mais urgente possível, para que as pessoas não se sintam prisioneiras de valores arqueológicos que nem sempre entendem e que à primeira oportunidade destroem e deturpam.

AGRADECIMENTOS

É de toda a justiça realçar o labor e a colaboração a quem a dívida, pelas inúmeras informações e conselhos prestados, é enorme. Expressamos publicamente esse agradecimento aos Senhores: Amável José Pereira Bernardo, António Maria Sequeira, António Matos Rolo, Joaquim Pinto e José Ribeiro Martins (Idanha-a-Velha); Eng. João Carlos Pires Caninas (Lisboa); Dr. José Luís Gil Cristóvão (Idanha-a-Nova); Dr. Francisco José Ribeiro Henriques (Vila Velha de Ródão); e Dr. Pedro Miguel Neto dos Santos Forte Salgado (Castelo Branco).

Agradecemos ainda a: António Alberto Almeida Robalo, António Amaral (✚), António Campos Dias, Armindo Pinto Amaral, Carlos Alberto Fernandes Mendes, Carminda Gonçalves Bernardo, João Nunes Vaz, Joaquim Almeida Esteves Remédios, José António Coelho Sequeira, José Bernardo, José Gonçalves Bernardo, José Pires (✚), Manuel Barreiros Esteves, Manuel Mendes Lourenço, Maria Amélia Esteves Rolo, Maria do Carmo Nunes (✚), Maria Teresa Coelho Sequeira, Miguel Alexandre Pires Esteves, Paulo Jorge Pereira Bernardo (Idanha-a-Velha); Dr. Carlos Manuel Domingues dos Reis, Dr. Domingos dos Santos Rijo, João António Bráz, Joaquim Júlio dos Santos, José Cravo Nunes Barata, Manuel de Jesus Marques Leitão, Dr^a Maria Clara Vaz Pinto, Maria de Fátima Batista dos Santos, Dr^a Maria Leonor Lencastre Godinho e Museu de Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco); António Barreiros Dias (✚), António Maria dos Reis, Filomeno Pires Ramos (✚), João Ferreira (✚), João Roseiro (✚), José Pinto, José Pires, Luís António Lopes Esteves, Luís Henrique Matos Carvalho (Alcafozes); Dr. Carlos Rosário Ramos, Henrique Augusto Matos Afonso, Instituto Arqueológico Alemão, Joaquim António Fernandes Campos, Joaquim António Ramos Robalo, Joaquim António Ribeiro Pires, José Manuel Rolo, Dr. Luís Filipe Matos Raposo e Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa); Padre Adelino Américo Lourenço, Alexandre Manuel Antunes Fernandes, António José Pereira Carçoço, Arquivo Histórico Municipal, Biblioteca Municipal, Manuel António Pires Barreiros, José António Martins dos Santos, Manuel Augusto Batista dos Santos, Maria Irene Monteiro Teixeira Fonseca, Dr^a Maria de Lurdes Grilo, Maria Rita do Espírito Santo, Vítor Manuel Mascarenhas (Idanha-a-Nova); António Valente, Bartolomeu Rapoula Alves, José António Rodrigues, Rogério Luzio Rodrigues (Monsanto da Beira); Dr^a Adília Moutinho Alarcão, Dr. Artur Côrte-Real, Biblioteca Geral da Universidade, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras e Maria de Lurdes Batista (Coimbra); Eng. Fernando Patrício Curado (Sabugal).

A todos, sem excepção, o meu mais sincero **BEM HAJA**.

Mas acima de todos estes vai o meu agradecimento e afecto para a minha esposa Amélia e para a minha filha Filipa pelas muitas horas que passaram comigo no campo e pela maneira, sempre paciente, com que ficaram sem a minha companhia inúmeras vezes.

EXPLICAÇÃO DO ESQUEMA ADOPTADO

1 - Toponímia

Tentámos, na medida do possível, referir os nomes pelo qual o sítio é ou foi conhecido. Nos casos em que se facultam mais que um topónimo a sua ordem é arbitrária.

2 - Classificação - Tipo de achado ou estrutura

É a designação do tipo de achado verificado no topónimo indicado em 1.º Poderá haver classificações que constituam motivo de confusão, como é o caso de estação de superfície e vestígios de superfície. Estação de superfície designa um local onde ocorrem vestígios à superfície do solo. Utilizamos apenas vestígios de superfície para designar a ocorrência dos mesmos dentro da área da cidade romana, a fim de identificarmos claramente todos os sítios e propriedades e de os caracterizarmos, para posterior e urgente classificação.

3 - Época

Neste item tentámos dar uma cronologia provisória do monumento ou estação. Para a época medieval não incluímos os vestígios posteriores ao século XV.

4 - Nível de conhecimento

Apresentamos para cada ficha um nível de conhecimento entre três possíveis:

- a) **Inédito**, quando o vestígio ou monumento não esteja estudado ou referenciado em qualquer documento bibliográfico;
- b) **Referenciado**, quando o sítio em causa esteja descrito sucintamente em algum documento;
- c) **Estudado**, quando o local tenha sido objecto de estudo e publicação por parte de qualquer investigador.

5 - Coordenadas

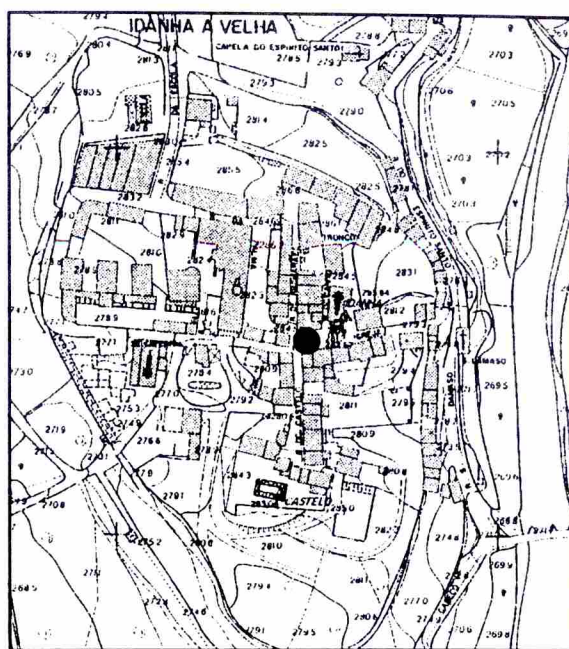
Utilizamos a quadrícula principal hectométrica U. T. M., Fuso 29, elipsóide internacional - datum europeu.

A carta militar utilizada é a nº 370, datada de 1971, na escala de 1:25 000. Recorreu-se também à carta cadastral nº 25-A, na escala 1:50 000 e a uma planta de Idanha-a-Velha na escala de 1:2.000, fornecida pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Nota: No início de cada ficha, do lado direito, reproduz-se um excerto da carta militar citada onde se assinala a localização do monumento ou estação arqueológica respectiva. Relativamente aos vestígios situados no interior das muralhas de Idanha-a-Velha utiliza-se excerto da planta 1:2.000 com 50 % de redução.

**MONUMENTOS E SÍTIOS
SITUADOS NO INTERIOR DAS MURALHAS**

- 1 - ADRO ou da IGREJA, Rua do
- 2 - Pelourinho
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciado
- 5 - PE 586292



Monumento construído nos primeiros anos do século XVI, provavelmente em 1510, altura em que o rei D. Manuel I outorga carta de foral a Idanha-a-Velha, no dia 1 de Julho.

Imóvel classificado de Interesse Público pelo Decreto-Lei nº 23122 de 11 de Outubro de 1933, que atribui a responsabilidade pela sua guarda e conservação à Junta de Freguesia.

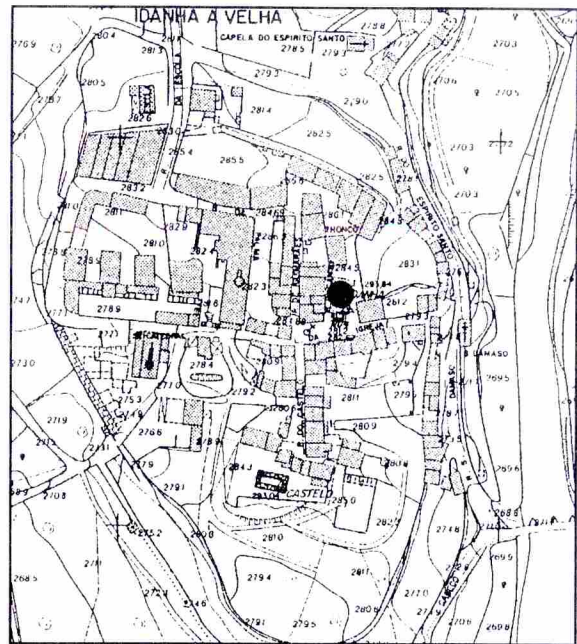
Monumento construído em granito grosseiro da região. Possui plataforma circular, com três degraus. Base cúbica, chanfrada nas quinas, com flor em relevo em cada canto superior. Nesta assente fuste oitavado com ferro chumbado a que está presa uma argola, do mesmo material. Capitel cilíndrico, com diversos motivos esculpidos, nem todos muito nítidos: escudo nacional, armas reais, esfera armilar, cruz da Ordem de Cristo e monograma de D. Manuel I. A rematar temos a grifa com uma cruz em ferro a que já falta a bandeira.

Cada Junta de Freguesia altera a toponímia deste local à sua maneira. Assim, na actualidade está colocada uma placa indicando Largo da Igreja, enquanto que a Junta anterior tinha colocada uma placa com Rua do Puleirinho (sic).

É ideia corrente em Idanha-a-Velha que este imóvel terá servido para aí ser aplicada a pena capital, o que não é correcto, pois estes monumentos não se destinavam a esse fim. Nos arredores existe um local denominado Cabeço da Forca, onde tal acto seria praticado. A conservação do pelourinho pode ser considerada razoável, no entanto, seria bom que se restringisse certo tipo de trânsito automóvel ao seu redor a fim de acautelar riscos.

BIBL.: Almeida, 1956; Dias, 1935; Pereira, 1938.

- 1 - ADRO ou da IGREJA, Rua do
- 2 - Edifício religioso
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 586292



Monumento construído provavelmente nos finais do século XVI para servir de Misericórdia até a mesma ser extinta por volta de 1885. No Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova existe um livro de actas da Irmandade da Misericórdia de Idanha-a-Velha cujo último registo data de 12 de Agosto de 1883. Na altura era seu provedor João dos Reis Leitão Marrocos, o padre António Capado Tavares da Silva, o secretário e o tesoureiro José Caldeira.

Com a degradação da primitiva matriz, antiga Sé Catedral, a igreja da Misericórdia passa a ter funções de culto que a outra já não podia albergar.

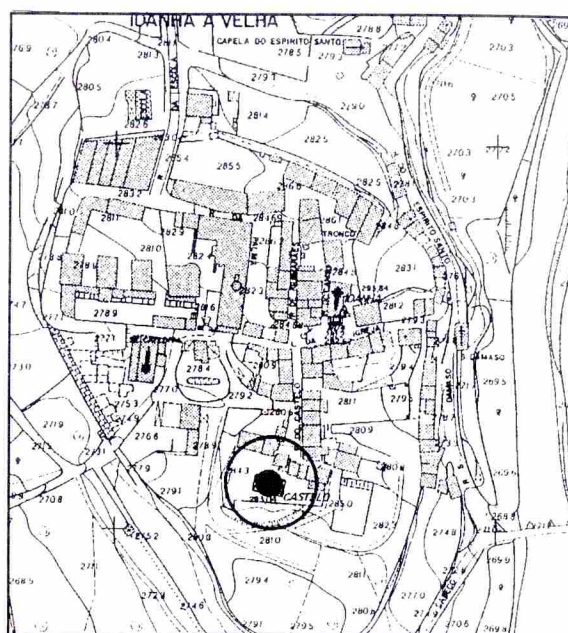
Este templo está assente sobre um tabuleiro, para o qual se sobe por várias escadas, fazendo lembrar o *podium* de um templo romano, ideia já exposta por Fernando de Almeida. Arquitectonicamente não possui especial relevância sendo, no entanto, de destacar o portal atribuível aos finais do século XVI, ou princípios do XVII, pela sua estranha decoração com motivos arcaicos. Possui alguns motivos do século XVIII, sem especial importância. No seu interior pouco há a destacar, já que da primitiva traça pouco resta. Os primitivos altares em talha dourada foram irremediavelmente perdidos aquando do restauro desta igreja há alguns anos atrás. Diga-se em abono da verdade que as obras foram bem intencionadas, mas mal orientadas, pessimamente executadas e houve precipitação em mostrar trabalho feito. Desta acção resultou um monumento híbrido e de gosto duvidoso, em relação ao seu interior.

Os bens móveis aqui existentes são pobres sendo de destacar a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, datável do século XVIII e de fraco nível artístico.

Na torre sineira existe uma inscrição monumental romana (PRE), referenciada por Tavares Proença e dada como perdida por Fernando de Almeida dado que na altura a torre estava totalmente rebocada.

BIBL.: Almeida, 1956; Pereira, 1938; Proença Júnior, 1910 D.

- 1 - BURRINHA, Chão da
- 2 - Estrutura defensiva / templo
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Estudada
- 5 - PE 585291



Recinto de planta rectangular com 30 x 73 metros. No seu interior foi construído o *forum* da cidade romana. Hoje possui uma torre de planta rectangular orientada no sentido este-oeste. Está assente em *podium* de um templo romano, possivelmente dedicado a Vénus, mandado construir por *C. Cantius Modestinus*, conforme relata inscrição encontrada a cerca de 30 metros do local, no rés do chão da antiga casa do padre (IS . TEMPLVM / VS . MODESTINVS / PATRIMONIO . SVO).

Possui a torre moldura clássica e a oeste *formigão*, onde deveria ter estado implantada a escadaria do templo:

No século XII ou XIII os Templários aproveitaram a base do templo, que na altura estaria em ruínas, para nele assentarem a sua torre de menagem e residência do Comendador. À medida que a torre vai ganhando altura o seu aparelho vai amudando. Possui três esguias seteiras, viradas a sul, oeste e leste. Na face norte está uma porta ogival que dá para corredor com abóbada em berço. Por cima tem janela em cujo tímpano existe uma inscrição datada de 1245 (ERA . MCC . / LXXX . III . S . II / . TEMPLI . M / MARTINI . PERGALCAVIT . VI / LA . EGITANIE . R . PETRICOMO).

São ainda de salientar vestígios de *mâchisoulis*. Nas paredes exteriores e interiores são visíveis marcas de canteiros, onde as siglas S e L são as mais usadas.

O interior foi escavado até à terra virgem por Fernando de Almeida, mas posteriores sondagens vieram infirmar tal facto pois na parte oeste começaram a aparecer estruturas nunca referidas pelo arqueólogo responsável pela primeira acção. Da primeira escavação resultou a recolha de enorme quantidade de espólio romano e medieval. De realçar o aparecimento, na altura, de dois blocos de mármore e um fragmento de mão

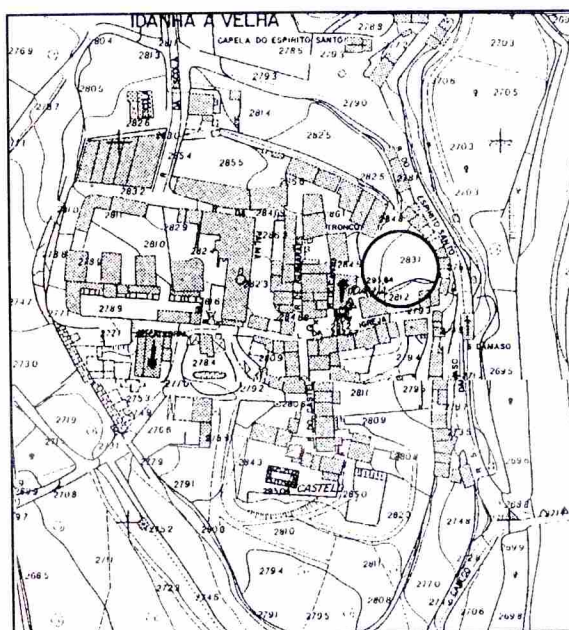
esquerda, também no mesmo material, indícios interpretados por Fernando de Almeida como elementos constitutivos da estátua da divindade.

O imóvel possui estruturas adossadas do lado sul de datação problemática, mas provavelmente medievais.

Em torno da torre notam-se sinais de “progresso” expressos nas construções atípicas de madeira e de outros materiais (barracas e galinheiros) que proliferam impunemente a menos de cinco metros do monumento e, inclusivamente, encostam ao muro do *forum* retirando toda a dignidade ao conjunto.

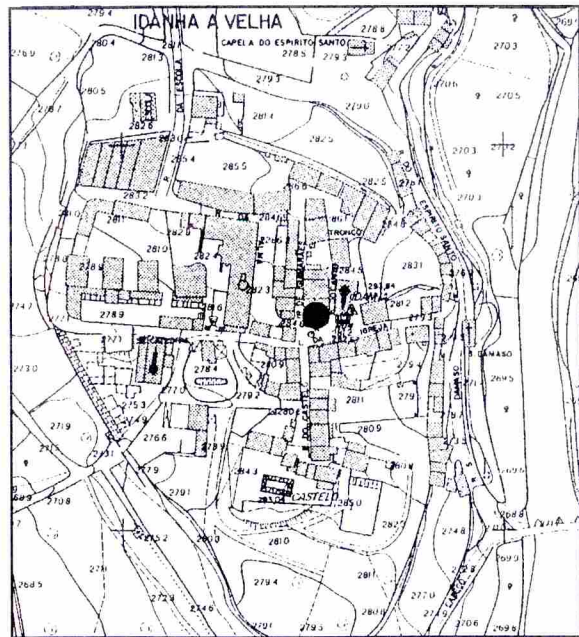
BIBL.: Almeida, 1956, 1959 e 1977 A; Mantas, 1988 e 1993); Pereira, 1938.

- 1 - CARDOS, Chão dos
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586292



Área onde se observa grande profusão de material cerâmico e pétreo. A muralha delimita este terreno a nascente. Há alguns anos, ao abrirem-se caboucos para os alicerces de uma casa de habitação, foram detectadas estruturas arruinadas sobre as quais se edificou a casa. De registar as lixeiras aquí existentes, que constituem uma ameaça para a saúde pública, assim como o cardo de onde se extrai a flor para a confecção da coalhada do queijo artesanal.

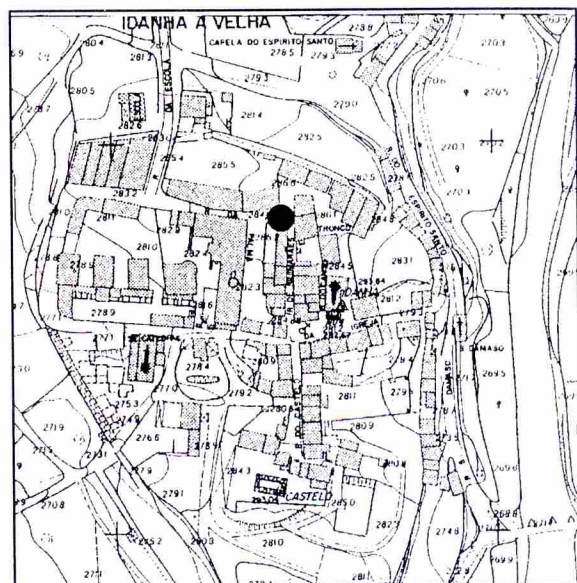
- 1 - GUIMARÃES, Rua de
- 2 - Edifício civil
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciado
- 5 - PE 586292



Edifício onde funcionou a Câmara Municipal de Idanha-a-Velha, até à sua extinção, e a escola primária até a actual ser construída nos anos 50. No 1º andar funcionava o órgão autárquico, e no rés do chão a cadeia, segundo o dá a perceber uma janela com vestígios de ter tido grades como o prova os encaixes existentes. O acesso ao 1º andar faz-se por um balcão típico, exteriormente. Possui uma porta e uma janela claramente datáveis do século XVI. Na parede exterior possui uma pedra com a cruz da Ordem de Cristo esculpida e outra insculpida. Na janela da cadeia está gravado, sumidamente, um cruzeiro.

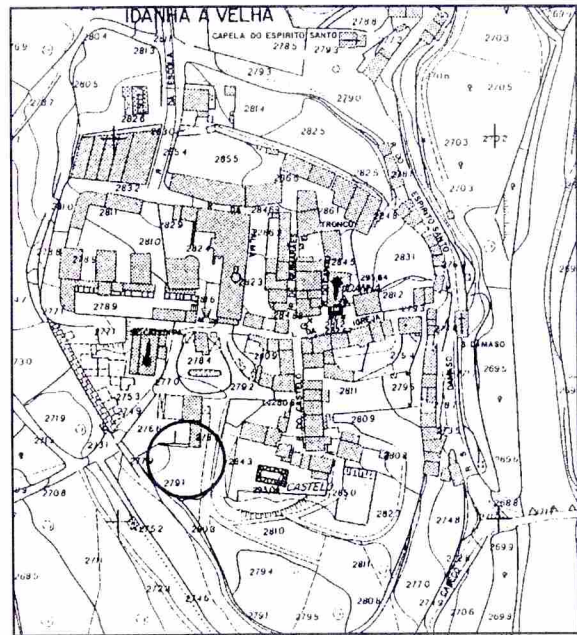
BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - GUIMARÃES, Rua de
- 2 - Poço
- 3 - Moderna
- 4 - Inédito
- 5 - PE 585292



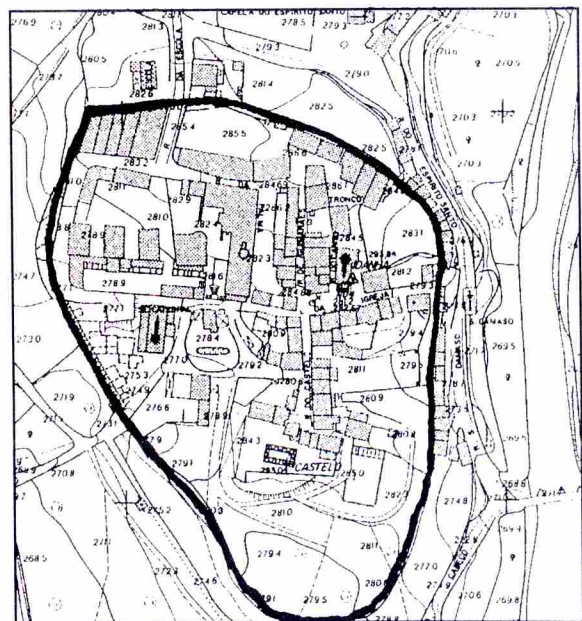
No topo norte da citada rua existe um poço totalmente tapado por paredes e cobertura de granito. A única coisa que chama a atenção para este imóvel é a sua cobertura que na parte dianteira tem a forma de frontão clássico triangular. Ao lado existe um monstro de cimento armado, antigo depósito de água, a aguardar que alguém se lembre de o deitar abaixo, pois já não cumpre qualquer função.

- 1 - LAGAR, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585291



Local com abundância de materiais de superfície em barro, incluindo *terra sigillata*, e restos de arquitectura em granito. A muralha determina este terreno a sul.

- 1 - MURALHAS
- 2 - Estruturas defensivas
- 3 - Romana / medieval / moderna
- 4 - Estudadas
- 5 - ¹⁰



¹⁰ Devido à extensão do monumento não se indica qualquer coordenada.

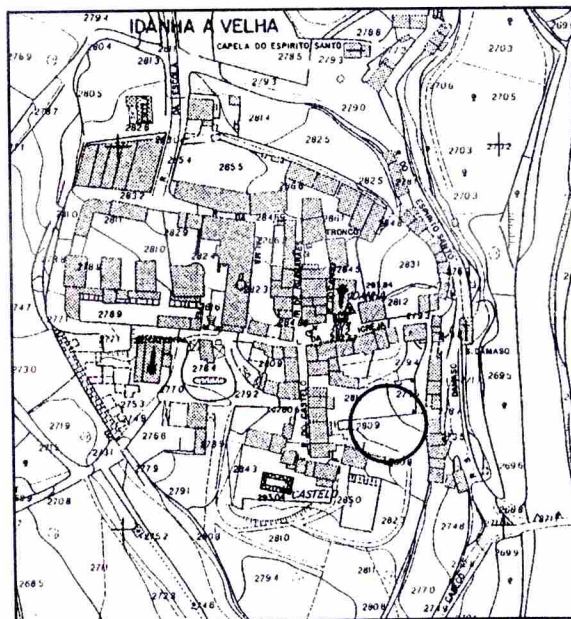
As muralhas que envolvem quase por completo esta pequena aldeia levantam um dos maiores problemas da arqueologia de Idanha-a-Velha. Possuem cerca de 750 metros de extensão, com alguns torreões semi-circulares e quadrangulares, uns mais visíveis que outros. Restam duas portas de data incerta, por certo pós-romanas. Uma das portas está virada a norte e outra voltada a sul, esta totalmente restaurada por Fernando de Almeida. Segundo crença erudita haveria uma outra porta, virada a nascente, denominada de Porta do Sol, mas desta não existe qualquer vestígio e cuja eventual existência é mais que duvidosa.

As muralhas de Idanha-a-Velha serviram durante séculos de pedreira para a população local e também para a de Alcafozes. Das muralhas extraíram todo o género de materiais romanos e medievais, desde simples pedras afeiçoadas a lápides e até um túmulo tipo arca.

A datação deste monumento é deveras controverso e só escavações metódicas e em alguma extensão poderam trazer alguma luz sobre o assunto.

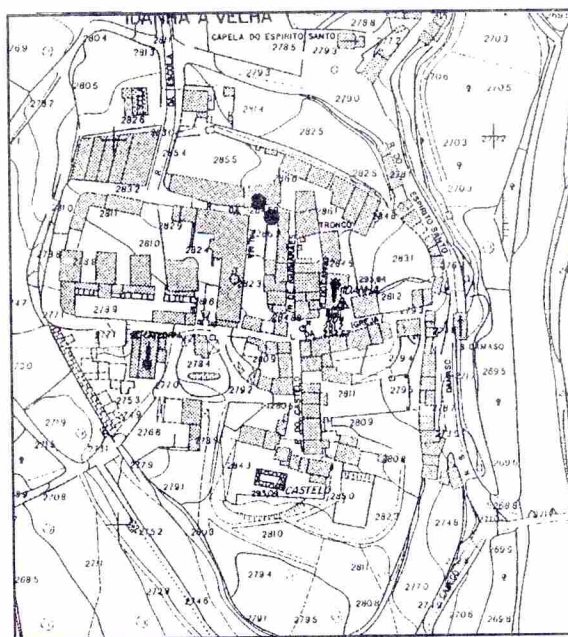
BIBL.: Almeida, 1956 e 1977 A; Pereira, 1938; Salgado, 1983.

- 1- PADRE, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586291



Terreno onde para além do aparecimento de material cerâmico foram também detectadas estruturas habitacionais, ao ser aberta uma fossa séptica. Anteriormente foi detectado um poço supostamente romano que ao ser limpo revelou materiais ditos da época pelo dono. Todavia nunca vimos o espólio dali proveniente. Aparecem com frequência moedas romanas e medievais, assim como *terra sigillata* lisa e decorada. A muralha determina este terreno a nascente.

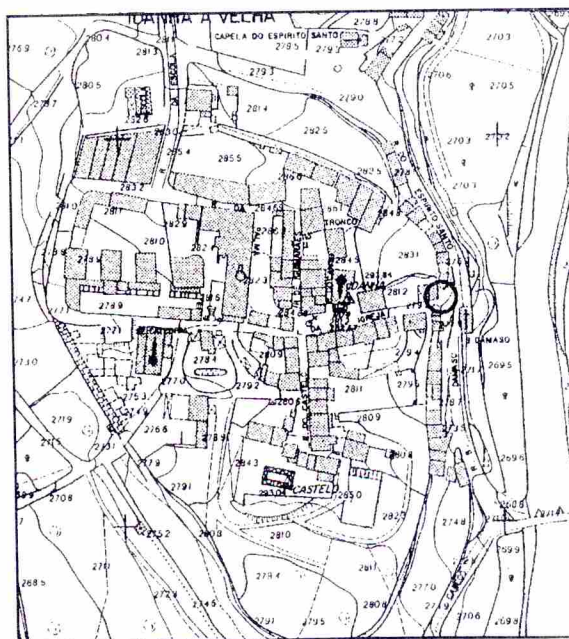
- 1 - PALMA, ou da AMOREIRA, Rua da
- 2 - Vestígios vários
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 585292



Aquando da abertura das fundações do celeiro da casa Marrocos (conhecido por Casa Nova) apareceu uma conduta bastante alta, o suficiente para nela se poder deslocar um homem em pé. Hoje não possuímos outro dado sobre o assunto já que a conduta foi na altura encerrada. Mais recentemente, aquando da realização das obras de saneamento básico, foram detectados vestígios da conduta à porta do citado celeiro. Desconhecemos o seu significado, pois não nos foi permitido observá-los. Ao serem abertos os alicerces do antigo depósito de água, foram achadas moedas em cobre, cujo destino se desconhece, assim como restos de estruturas em granito.

BIBL.: Almeida, 1956.

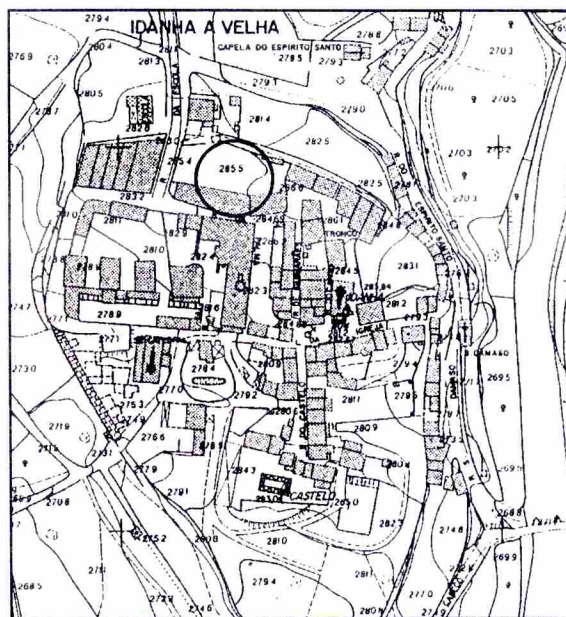
- 1 - PORTA DO SOL ou CALÇADA
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval / moderna
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 586292



Nesta zona, segundo algumas versões, existia uma porta na muralha. No entanto, não existe qualquer vestígio que abone tal hipótese. Aquando da abertura das valas do saneamento básico nada aí transpareceu. São escassos os materiais à superfície, já que o local se encontra calcetado, no entanto, temos conhecimento de ter aparecido, há já alguns anos, *terra sigillata* lisa e decorada de boa qualidade. Até há pouco tempo, enfiada na calçada, geralmente tida como romana, embora mandada construir pelo morgado João dos Reis Leitão Marrocos nos inícios deste século, estava uma inscrição romana, composta apenas por uma letra monumental (Q), dada como perdida por Fernando de Almeida e que segundo Francisco Tavares Proença Júnior era proveniente da muralha. Actualmente esta epígrafe foi deslocada para os arredores da Sé pelos elementos do Gabinete de Arqueologia, estando a ser objecto de estudo por parte do Eng. Fernando Patrício Curado. Mais a norte existe, igualmente metido na calçada, um cruzeiro datável do século XVI. A muralha é atravessada por este calçada, pelo que a mesma ocupa espaço no interior e exterior da mesma.

BIBL.: Almeida, 1956.

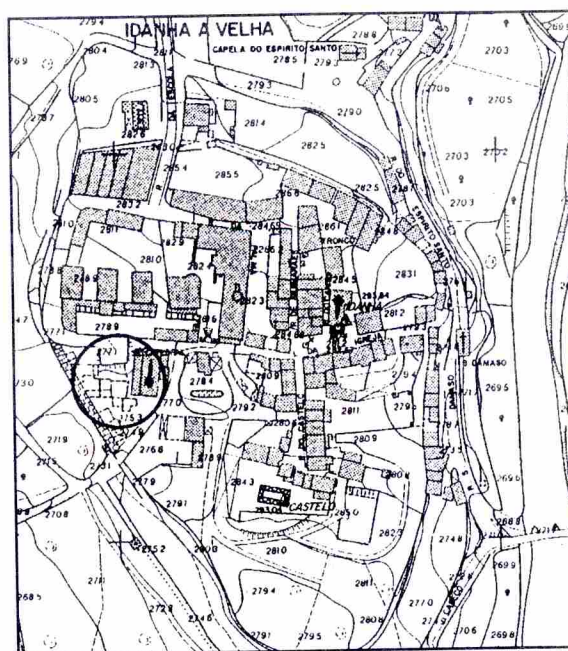
- 1 - PORTAS ou CAVALARIÇAS, Chão das
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585293



Terreno coberto com abundantes vestígios cerâmicos, incluindo *terra sigillata*. A muralha delimita este chão a norte, onde possui uma porta.

1 - SÉ CATEDRAL

- 2 - Edifício religioso e anexos
- 3 - Romana / medieval / moderna
- 4 - Estudados
- 5 - PE 585292



Monumento aglutinador da passagem de vários povos na Egitânia possuindo de todos eles, em maior ou menor percentagem, vestígios. A Sé possui seis portas de várias épocas sendo de destacar pelo seu trabalho, ainda que singelo, duas quinhentistas. Uma delas na fachada norte de aspecto gótico com aresta biselada; a outra, igualmente gótica, também de aresta biselada e com gablete. Entre o gablete e o arco possui esculturas em relevo de Cristo crucificado, a esfera armilar e as quinas coroadas. Esta porta encontra-se virada a poente. Nesta face existe mais uma porta que se encontra entaipada. Na face norte existe outra porta, singela. Na parede virada a sul tem duas, uma singela e outra composta por silhares rusticados, num dos quais existe uma ara dedicada a Juno. Possui campanário para dois sinos que foram retirados há mais de cem anos.

O interior deste edifício é composto de três naves, divididas por duas fiadas de fortes colunatas. Possui, junto à parede oeste, uma cisterna que ao ser desentulhada revelou abundante espólio romano e medieval, guardado no Museu de Castelo Branco. Uma capela possui um esgrafitado datado de 1593 que representa a coroação de Nossa Senhora pelos anjos, como sua rainha. Será esta a capela de Nossa Senhora do Rosário de que nos falam as visitas. Noutros locais existem restos de frescos representando o Calvário, S. António, S. Bráz e outros motivos em estado de conservação atemorizante. Se não se acudir a estes frescos rapidamente, perder-se-ão para sempre.

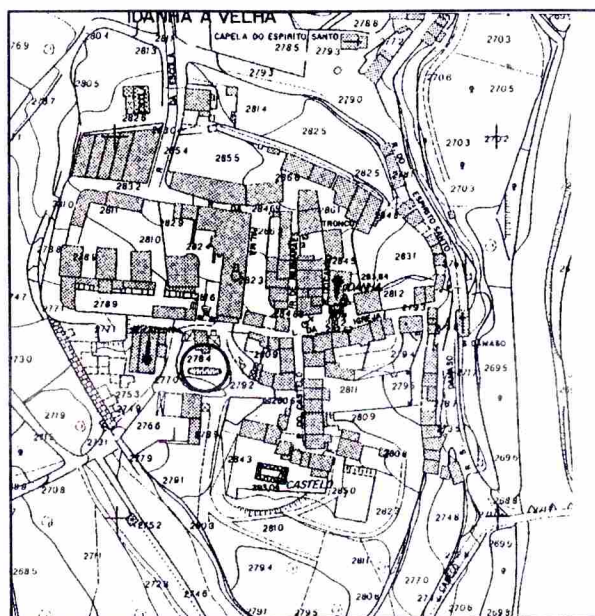
Antes da construção do actual cemitério as ruínas da Sé foram aproveitadas para essa função, já que o edifício se encontrava em ruína avançada e sem telhado desde meados do século XIX. Nos anos 50 Fernando de Almeida meteu mãos à árdua tarefa de restaurar este templo, no que teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. No exterior da Sé existe, encostado à parede sul, um baptistério visigodo em mau estado de conservação mas protegido por uma construção recente. A

esmo existem inúmeras ruínas de difícil datação e interpretação que se teima ser o paço dos bispos. No entanto, tal não deverá corresponder à verdade. Na face virada a nascente existe uma inscrição romana em posição invertida: C. CANTIO MODES (TO) / C. CANTIUS / MODESTINUS. PAT (RI). O interior deste templo é ocupado com a colecção epigráfica recolhida em Idanha-a-Velha e arredores.

A muralha delimita as ruínas a sul e poente possuindo neste trecho a porta sul, ou do Ponsul, e uma poterna.

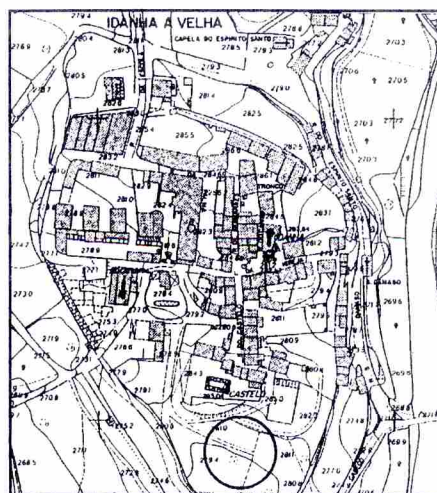
BIBL.: Alarcão, 1987 e 1988 A; Almeida, 1956, 1962 A, 1962 B, 1965 A, 1965 B, 1968, 1977 A, 1977 B; Castelo Branco, 1976; Correia, 1945; Ferreira, 1977; Hauschild, 1986; Lopes, 1951; Matos, 1947; Matos, 1992 A; Pereira, 1938; Torres, 1992 A.

- 1 - TI JOÃO LOPES, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585291



Há alguns anos Fernando de Almeida comprou este terreno para nela efectuar uma grande vala de sondagem, seccionando este chão quase a meio. Efectuou tal acção com os meios financeiros que sobraram de uma das suas campanhas de escavações. Achou aí, pelas suas próprias palavras, estruturas importantíssimas relacionadas com a catedral visigótica que lhe fica a oeste. Infelizmente não existe qualquer planta das mesmas nem descrição credível, e em 1985 uma equipe do ex-IPPC procedeu ao seu enterramento com o fim de aí implantar um jardim. O jardim nunca surgiu e o terreno serviu para parque de estacionamento ao longo destes anos. À superfície há imensos restos de materiais romanos e não só, uns do local, outros para lá transportados, em granito, como bases, capitéis e troncos de colunas, sepulturas tipo arca e inscrições. No muro deste chão, em frente do lagar de varas, foi detectada em 1985 uma pequena inscrição romana em granito, posteriormente guardada na Sé.

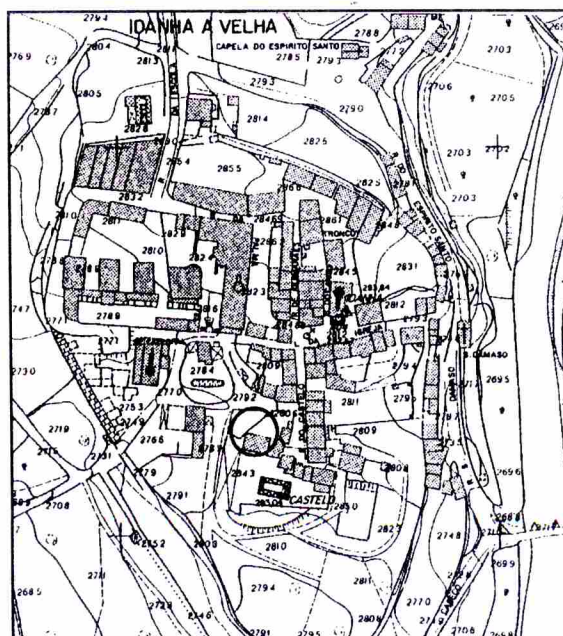
- 1 - TORRE, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 585290



Terreno com abundância de restos materiais à superfície. Destaca-se o aparecimento de inúmeros fragmentos de *terra sigillata*, lisa e decorada, um fragmento de mosaico hispânico-árabe, com padrão idêntico aos identificados no poço da Sé. São também abundantes os fragmentos de telhas, imbrices e pesos de tear. Em alguns pontos são visíveis estruturas a brotar do solo e, num local, uma estrutura de pedra e argamassa de pequena altura, possivelmente relacionada com o muro do *forum*; que foi aproveitada para lhe porem galinheiros em cima. Adossado à parede exterior do *forum* existe um bairro de lata nada estético e que retira toda a dignidade ao local. A muralha determina este terreno a sul e este.

BIBL.: Pereira, 1938.

- 1 - TORRE, Quintal da
- 2 - Ruínas e vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 585291

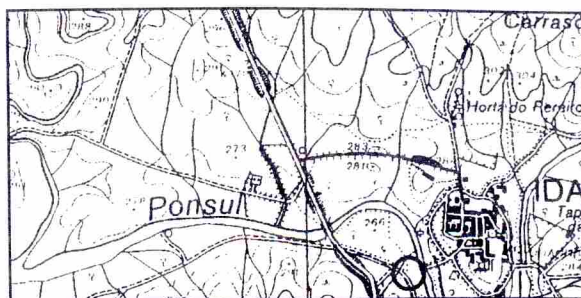


Este facto deverá ser pura fantasia, pois nenhum outro autor se lhe refere e da inscrição não há vestígios.

BIBL.: Almeida, 1956; Pereira, 1938.

**MONUMENTOS E SÍTIOS
SITUADOS NO EXTERIOR DAS MURALHAS**

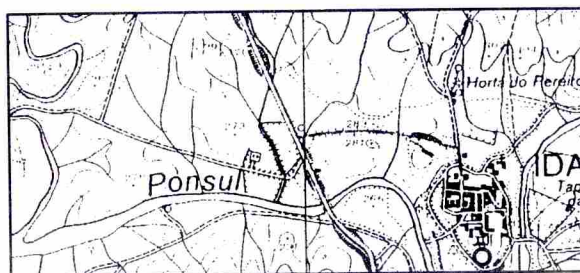
- 1 - **ALMAS**, Olival das
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 583291



Local escavado por Fernando de Almeida, onde identificou um tanque redondo. Esta estrutura foi posteriormente aterrada para melhor se salvaguardar. Hoje observam-se à superfície estruturas em granito e barro, em degradação contínua. Foi recolhida alguma *terra sigillata*.

BIBL.: Almeida, 1977 B.

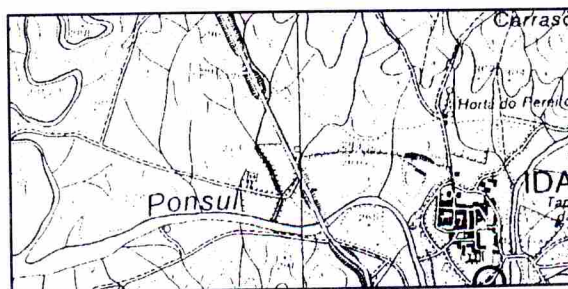
- 1 - **AZINHEIRA** ou da **DONA ANA**, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 585291



Sítio com abundância de material cerâmico, onde se inclui *terra sigillata*. Havia uma inscrição embutida na muralha, que define este terreno a norte, retirada em data incerta. Como curiosidade há a referir uma azinheira centenária, nascida na muralha, que à medida que cresce vai arrastando no seu seio pedras. Neste troço existe um torreão circular.

BIBL.: Pereira, 1938.

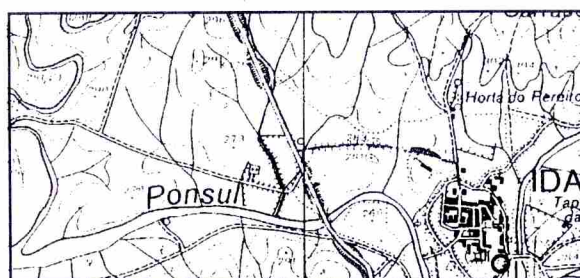
- 1 - **CABEÇO**, Rua do
- 2 - Necrópole
- 3 - Romana
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 586290



Local escavado por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira em Setembro de 1955. Das escavações resultou a descoberta de três sepulturas mas, segundo o senhor José Bernardo, existem outras. Tipologicamente as sepulturas são de tipos variados. O espólio é constituído por restos de pregos em ferro, um jarro de barro vermelho e um prato de barro preto da época de Augusto, segundo os autores da escavação. Desconhece-se o paradeiro destes materiais. Actualmente a zona encontra-se calcetada não sendo visíveis as sepulturas.

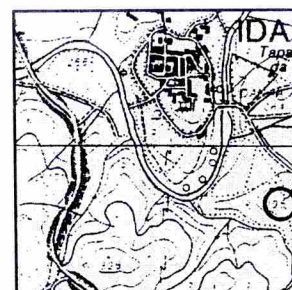
BIBL.: Almeida e Ferreira, 1957.

- 1 - **CAMPAÍNHA**, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586290



Superficialmente surgem abundantes vestígios cerâmicos, de que destacamos *terra sigillata*, e bases de coluna em granito. A muralha delimita este espaço a oeste.

- 1 - **CARRASCAL I** ou **ALTO DO SALÃO**
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 588288



No cume de um monte, numa pequena área, aparece bastante cerâmica comum.

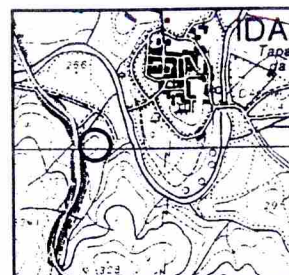
- 1 - **CARRASCAL II** ou **POÇO DOS CÁGADOS**
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586288



Pequena área, distribuída por dois socalcos, na margem esquerda do rio Ponsul, e em local abrigado. De realçar os materiais encontrados, especialmente, a abundância de fragmentos de pequenas lucernas, *paredes finas*, *tégulas*, imbrices, cantarias afeiçãoadas, restos de troncos de coluna e mós manuais.

1 - CARRASCAL III

- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 583289



Local com abundante cerâmica comum à superfície.

1 - CARRASCAL IV

- 2 - Fonte
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 583289



Fonte de mergulho construída no século XVII e restaurada no século seguinte. Está actualmente entulhada até 60 centímetros do topo do parapeito. Possui braço com as armas nacionais no fecho do arco. Na cobertura existe cruz a coroar. Até há algum tempo estava coberta de silvados. O imóvel está a necessitar de restauro urgente, pois as juntas entre as pedras estão a abrir.

BIBL.: Almeida, 1956; Ferreira e Costa, 1970.

- 1 - CASTANHEIROS, Chão dos
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 587289



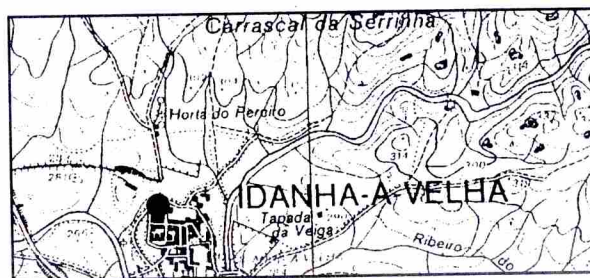
Sítio com escassos achados de superfície, em cerâmica ou em pedra. Destacamos o aparecimento de alguns fragmentos de mós em granito.

- 1 - **CONDE**, Vale do
- 2 - Achados avulsos
- 3 - Pré-história / romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 594290



São oriundos deste local um anel epigrafado (*utere felix*) em ouro, adquirido há alguns anos pelo Estado Português, alguma *terra sigillata* e instrumentos de pedra polida.

- 1 - **DONA ANA** ou da **ESCOLA**, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 584293

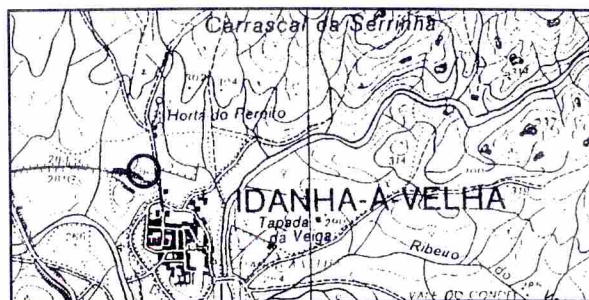


Junto do vértice norte da muralha quando abriram um cabouco para construir o muro de vedação da escola primária, em Julho de 1955, apareceu a 1,50 metros de profundidade uma estela epigrafada em granito. Por baixo havia uma laje de granito que cobria uma sepultura, forrada a tijolos, contendo um esqueleto completo. A sepultura pertencia a Niger, filho de Tongio (**NIGER TONGI / FHSE**), segundo o exposto na lápide.

Ao abrirem-se as fundações para o edifício da escola detectaram-se restos de sepulturas. À superfície são escassos os vestígios cerâmicos tendo, no entanto, aparecido *terra sigillata*. Uma pseudo-muralha, levantada nos anos 60, delimita este espaço a sul.

BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - EIRA, Tapada da
- 2 - Necrópole
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Estudada
- 5 - PE 584294

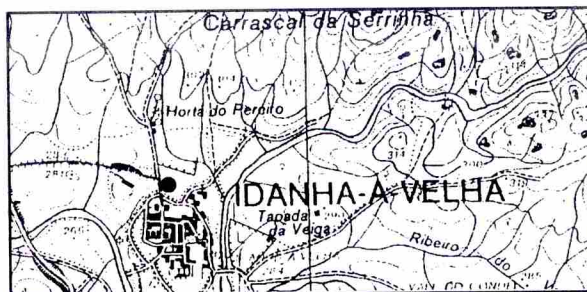


Cemitério composto por 35 sepulturas de vários tipos e, ao que parece, de diversas épocas. Da planta fornecida por Fernando de Almeida algumas já não são visíveis e outras estão mal preservadas. Da escavação feita por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira não foi detectado qualquer espólio.

Em 1988, no decurso de trabalhos para fornecimento de água e esgotos a Idanha-a-Velha, uma retroescavadora pôs a descoberto acidentalmente, em local próximo deste cemitério, sepulturas de incineração. Dada a importância do achado o ex-IPPC efectuou uma intervenção de emergência, da qual resultou a identificação de duas sepulturas de incineração, que deram como espólio peças de *terra sigillata*, cerâmica comum, vidros, e grande quantidade de ossos calcinados.

BIBL.: Almeida e Ferreira, 1958; Côrte-Real, 1996.

- 1 - ESPÍRITO SANTO I, Chão
- 2 - Edifício religioso
- 3 - Medieval
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 585294

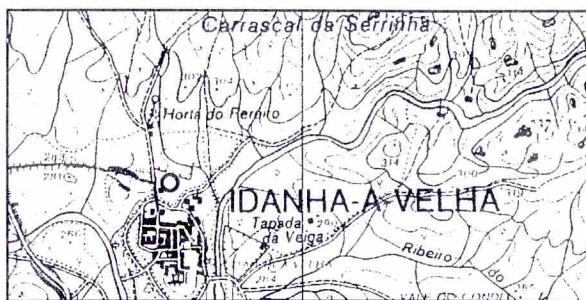


Capela de origem românica, hoje propriedade de Frederico Manzarra Marrocos. No princípio do século estava em ruínas. Para colmatar tal situação o morgado João dos Reis Leitão Marrocos mandou restaurá-la para que servisse de depósito às espécies arqueológicas, em especial epigráficas, que iam aparecendo e evitar o seu envio, como era usual, para os museus de Lisboa ou de Castelo Branco. Tal restauro foi efectuado em 1929 e o edifício foi baptizado como Museu Lapidar Egeditano.

Do imóvel original resta parte das paredes e o arco da entrada. Era orago S. Sebastião embora Félix Alves Pereira atribua o orago a S. António, talvez por confusão.

BIBL.: Almeida, 1956; Fonseca, 1927; Pereira, 1938.

- 1 - **ESPÍRITO SANTO II**, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585294



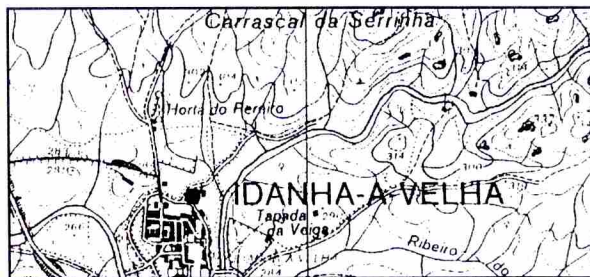
Terreno coberto de vestígios romanos como *tégulas*, *imbrices*, *terra sigillata*, mós de granito e materiais de construção em granito e xisto. Este local será, possivelmente, a continuação do cemitério romano-visigótico situado a oeste.

- 1 - **ESPÍRITO SANTO**, Chãozinho do
- 2 - Necrópole
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Inédita
- 5 - PE 586293



A alguma profundidade existem túmulos escavados na rocha (?). Segundo informação do proprietário este espaço foi escavado por Fernando de Almeida (?). Da escavação resultou o achado de uma moeda de prata, no fundo de uma das sepulturas. Da moeda não possuímos qualquer informação que nos permita datá-la. Posteriormente, os túmulos foram aterrados. À superfície restam visíveis fragmentos cerâmicos das épocas mencionadas.

- 1 - **ESPÍRITO SANTO**, Largo do
- 2 - Edifício religioso
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciado
- 5 - PE 586293



Monumento composto de dois corpos, um assumindo ser a nave e o outro a capela-mor. Orientada de nascente para poente. Construída em granito e xisto da região. Possui duas portas uma virada a poente (principal), outra a sul. Na capela-mor possui duas frestas orientadas a sul e norte. Sobre a porta principal possui esculpidos uma pomba e uma vieira, elementos muito ligados ao culto do Espírito Santo, em associação a pequenos

elementos vegetais. A rematar a frontaria existe uma cruz simples. De destacar algumas obras de restauro que levantaram as paredes em altura, descaracterizando a capela na sua volumetria. Há alguns anos as paredes foram picadas a fim de serem restauradas; mas passados vários anos continuam na mesma situação. O telhado está amplamente degradado, especialmente no beirado virado a norte.

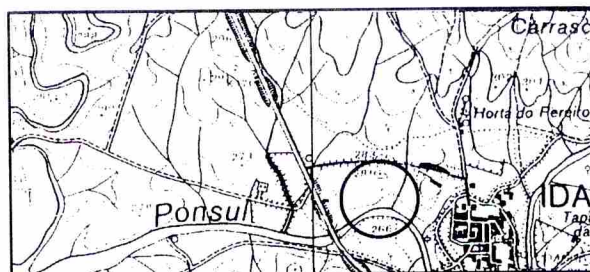
O interior deste templo está totalmente rebocado. A transposição da nave para a capela-mor é feita sob arco ogival chanfrado. O altar é simples e singelo, constituído por talha que em tempos foi dourada. Tem púlpito de granito, decorado com uma flor de liz e uma cruz, e está pintado com cor berrante. O acesso efectua-se por pequena escadaria em granito. Possui também pequena pia de água benta reaproveitada de uma coluna romana em granito.

O recheio religioso é escasso. Consiste num confessionário proveniente da Matriz, alguns andores, várias jarras de flores e muito material não religioso pertencente às Comissões de Festas, que à falta de outro espaço de depósito se servem desta capela. A imagem do Espírito Santo foi há alguns anos transferida para a matriz. O chão é forrado a granito e o tecto a madeira.

O envolvimento desta capela não é dos melhores. A poucos metros da entrada principal do templo está instalado um inestético palco e um pouco mais além barracões que dão serventia nas festas. Pior, a sul existem galinheiros quase em plena via pública.

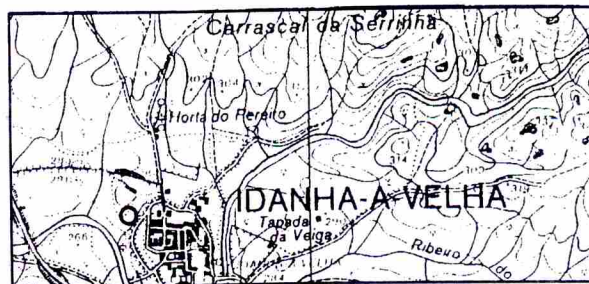
BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - EUCALIPTOS, Tapada dos
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 583293



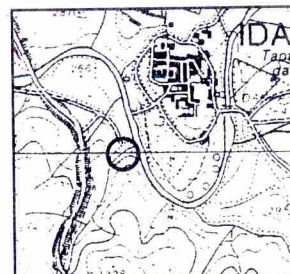
Ao longo do rio Ponsul, na sua margem direita, podem observar-se abundantes restos de cerâmica e pedras trabalhadas.

- 1 - FIGUEIRA ou do TI MILHEIRO, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 584293



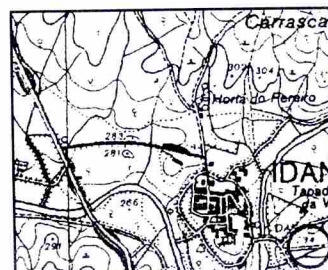
Terreno juncado de material cerâmico de que destacamos pesos de tear, um dos quais com um grafito no topo, e abundante *terra sigillata*.

- 1 - FONTE DO ARCO ou FONTE DA CRUZ, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 583289



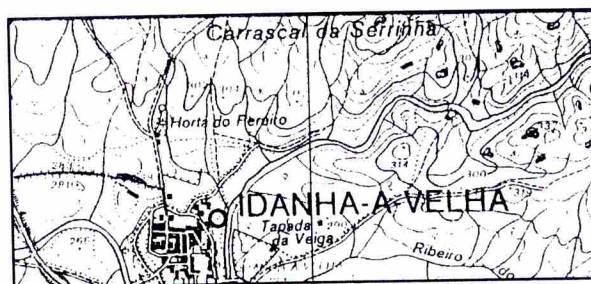
Pequeno terreno, murado, com profusão de material romano de construção como tégulas, imbrices, tijoleiras, placas de xisto afeiçãoadas e cantarias.

- 1 - FORÇA, Cabeço da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 588291



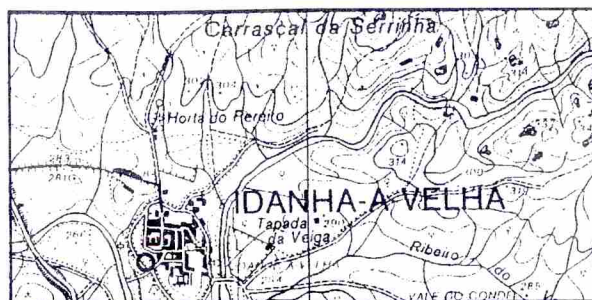
Ao abrirem-se valas para a tubagem de água foi revelada uma grande quantidade de cerâmica comum e *terra sigillata*. A algumas dezenas de metros, na margem do Ribeirinho, existem abundantes vestígios cerâmicos.

- 1 - GASPARG, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586293



Área onde têm surgido vestígios ocasionais com destaque para *terra sigillata*, lápides, cerâmica comum de vários tipos e épocas e um pequeno *phallus* em ouro, de cronologia incerta e na posse de um particular.

- 1 - HOSPITAL ou da BURACA, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 584291



Local com abundantes vestígios cerâmicos à superfície com predomínio para a *terra sigillata* e outras cerâmicas finas. Faz parte do muro um contrapeso de lagar. No topo norte deste espaço passa a muralha, que possui neste troço uma lápide romana (...VALER / IR . RVFI / TVS) em péssimo estado de conservação e uma *porta falsa* (?).

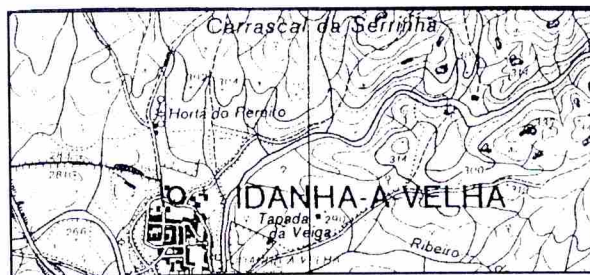
BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - IDANHA-A-VELHA, Arredores
- 2 - Tesouro monetário
- 3 - Romana
- 4 - Estudado
- 5 - ¹¹

Colecção de denários (*C. Renius, L. Thorius, M. Titianus, Manius e Fonteus*) mostrados pelo Padre Eugénio Jalhay a Mateu y Llopis em 1946.

BIBL.: Hipólito, 1960/61.

- 1 - LAMEGUEIROS, Chão dos
- 2 - Necrópole
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 585293

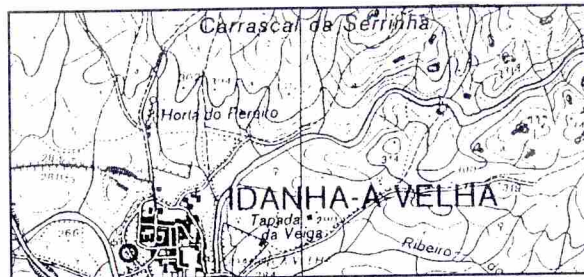


Fernando de Almeida efectuou algumas sondagens neste local. As ruínas resultantes dessa intervenção encontram-se, na actualidade, em péssimo estado de conservação, pouco deixando transparecer do seu real

¹¹ Não indicamos qualquer coordenada por ser impossível saber o local do achado.

significado. Será a continuação do cemitério localizado a norte? São ainda visíveis uma ou duas sepulturas. No solo não escavado encontram-se materiais romanos de construção, abundante *terra sigillata*, pesos de tear e vidros.

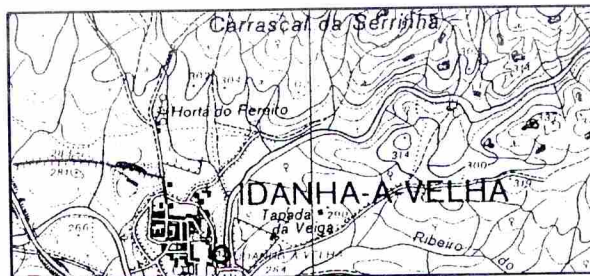
- 1 - LAMEIRA, Quelha da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Estudados
- 5 - PE 584292



Nesta quelha, as obras efectuadas ao longo dos tempos têm posto alguns muros à vista. Em 1989, Artur Côrte-Real efectuou uma sondagem no intuito de perceber o que aí existia, antes que as estruturas fossem alvo de destruição. Concluiu tratar-se de estruturas habitacionais romanas. Dos materiais exumados destacam-se fragmentos de *terra sigillata*, vidros, um peso de chumbo e cerâmica comum.

BIBL.: Côrte-Real, 1996.

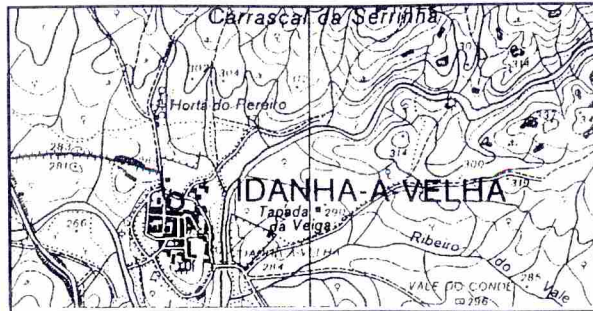
- 1 - MELOAL, Horta do
- 2 - Achados diversos
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 586291



Nesta horta, a servir de tanque, existe um sarcófago em granito proveniente da muralha. No muro que separa este local do rio Ponsul existia uma lápide romana. A actual cobertura vegetal não permite confirmar a existência desta lápide.

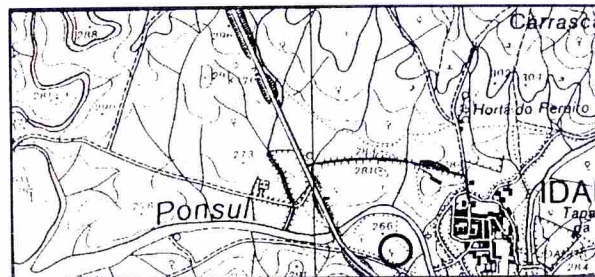
BIBL.: Almeida, 1956; Pereira, 1938.

- 1 - MURALHA ou do SENHOR JOAQUIM TOMÉ, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585293



Juncam o solo inúmeros materiais arqueológicos como cerâmica comum, *terra sigillata* e fragmentos de lucernas. Destacam-se ainda uma inscrição romana (F), um cruzeiro na muralha, que determina este terreno a sul, além de uma porta e quatro torreões.

- 1 - NOVA, Tapada
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 582291



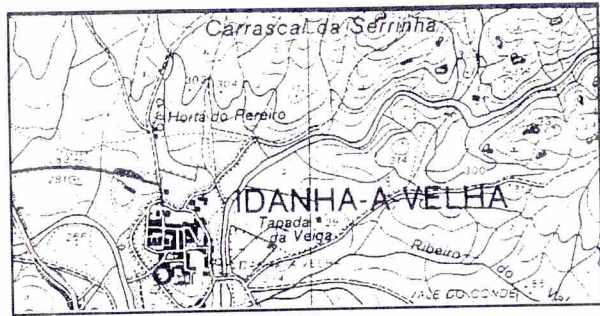
Sítio com escassos vestígios cerâmicos e outros, à superfície.

- 1 - PINHOS, Cabeço dos
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 585294



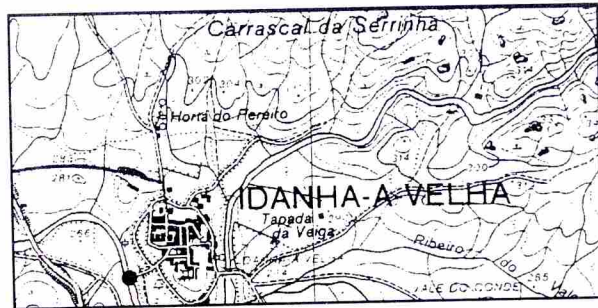
Elevação aparentemente artificial em frente da porta norte das muralhas. Existem vestígios cerâmicos por todo o cabeço e é de prever a existência de estruturas enterradas. Sabe-se, no entanto, que algumas das terras provenientes das escavações de Fernando de Almeida na área da Sé foram ali despejadas, sendo hoje ainda visíveis os montículos no cume do monte.

- 1 - PINTADA, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 584291



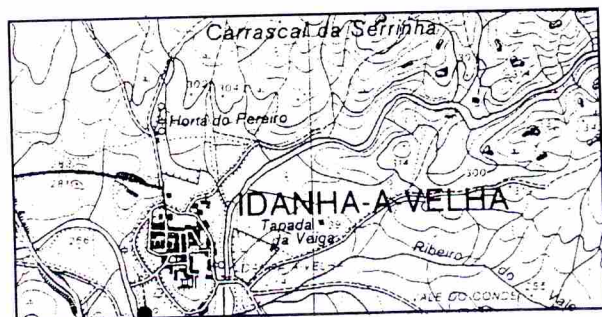
Local com grande concentração de material cerâmico, incluindo *terra sigillata* e restos de construções. A muralha delimita este espaço a norte.

- 1 - POLDRAS
- 2 - Poldras e passagem a vau
- 3 - Moderna
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 583291



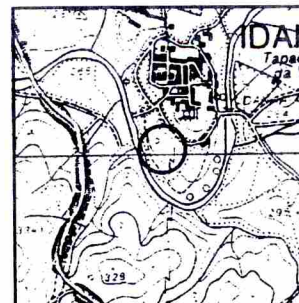
São 43 pedras talhadas em forma de paralelepípedo. Estão cravadas no leito do rio Ponsul, ao alto, em linha quase recta e afastadas de modo a permitirem a circulação de peões, a passo largo, de uma para a outra margem. A grande maioria destas pedras são reaproveitadas de materiais romanos. Entre as poldras e a porta sul corre uma via lajeada. Aquando das obras do saneamento básico tivemos oportunidade de observar as valas e comprovar que o estilo construtivo não é romano, devendo com toda a certeza atribuir-se esta calçada aos inícios do século. Em relação às poldras podemos quase garantir que elas são posteriores a 1758, pois o padre Joaquim Martinho ao descrever o rio não as refere, apenas menciona a ponte, os açudes e os moinhos.

- 1 - POLDRAS, Hortas das
- 2 - Sarcófago
- 3 - Medieval
- 4 - Inédito
- 5 - PE 584290



Sarcófago em granito proveniente da estação arqueológica do Curral. Serve de tanque. Num dos topos possui uma inscrição com caracteres enigmáticos. Seria importante a trasladação desta peça para local mais apropriado onde a inscrição pudesse ser limpa, tratada e decifrada.

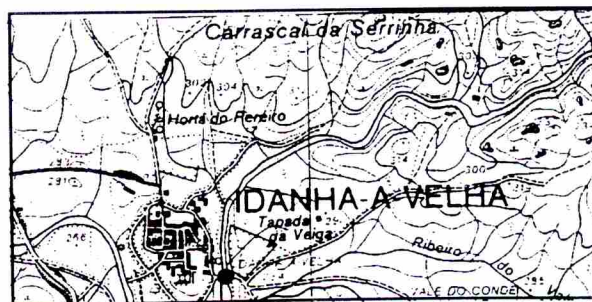
- 1 - POLDRAS, Tapada das ou CAPADO, Chão do
- 2 - Ruínas e vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 584290



Terreno com abundantes vestígios arqueológicos. Destacamos o achado de moedas, nem todas romanas, *terra sigillata*, pesos de tear, vidros, elementos arquitectónicos em mármore, tijolos de diversos tipos, *tégulas* e imbrices. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira procederam neste local a investigações, onde estruturas rompiam do solo. Estes investigadores chegaram à conclusão de que tais ruínas são parte integrante de um balneário datável do século I d. C., segundo ficou demonstrado pela estratigrafia. Nessas escavações foi recolhido inúmero material com destaque para alguns canos de chumbo. As estruturas postas à superfície têm 34 metros de comprimento e incluem restos de arcos em tijolo e de um tanque com fundo em argamassa e rodapé em meia cana.

BIBL.: Almeida, 1977 A; Almeida e Ferreira, 1966 B; Pereira, 1938.

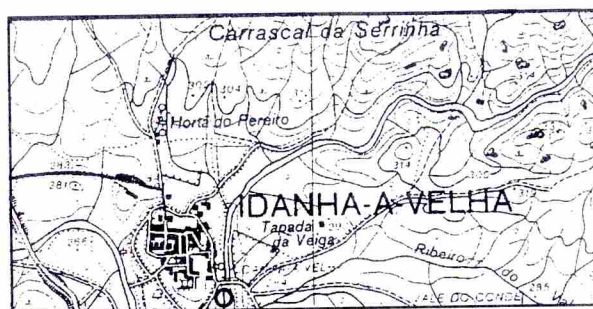
- 1 - PONTE VELHA
- 2 - Ponte
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 587291



Ponte de três arcos, todos diferentes, que teimam em apelar de romana. Possui tabuleiro levemente ondulado com guardas em pedra e traçado sinuoso. O monumento tem dois talhamares, num dos quais está encravada uma lápide funerária romana. Depois de variadas observações às fundações da ponte cremos poder dizer, com pouca probabilidade de erro, que esta construção não obedece a qualquer cânone construtivo da época romana, mas foi construída com pedras romanas oriundas porventura da muralha que está a escassos metros.

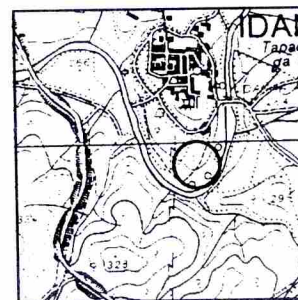
BIBL.: Almeida, 1956 e 1977 A; Ferreira, 1977; Pereira, 1938.

- 1 - **PONTE VELHA**, Hortas da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586290



Numa área limitada regista-se o aparecimento de um muro, quase à superfície, e quantidade razoável de material cerâmico de construção. Recentemente apareceram algumas moedas romanas e portuguesas.

- 1 - **QUINTAS**, Tapada das
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 585289

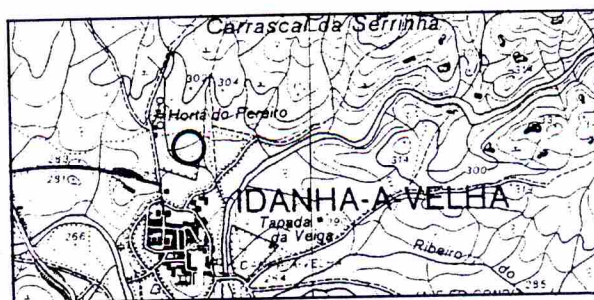


Abundantes vestígios de superfície constituídos por cerâmicas de diversos tipos e restos de construção em pedra e barro. Assinalamos ainda o aparecimento de grande número de pesos de tear e fragmentos de *terra sigillata*.

Há bastantes anos apareceu uma cisterna que, ao ser desentulhada, revelou ossos partidos e queimados e fragmentos de madeiras nas mesmas condições. Actualmente está aterrada desconhecendo-se a sua localização exacta. Há pessoas que se lembram da cisterna. Situam-na ao cimo da tapada, no topo norte.

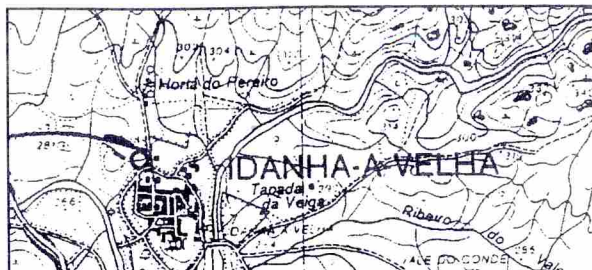
BIBL.: Pereira, 1938.

- 1 - **RAPOSA** ou dos **VIVEIROS**, Chão da
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 586295



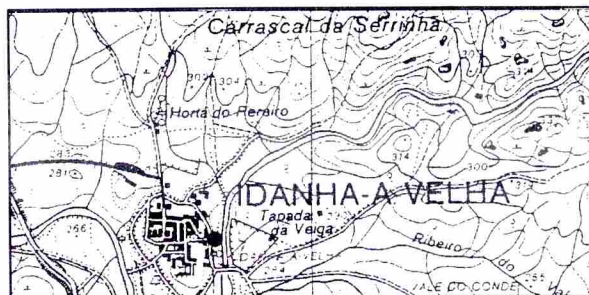
Terreno que possui ao centro grandes blocos graníticos afeiçoados, vestígio de um possível aqueduto (?), e materiais cerâmicos comuns abundantes.

- 1 - S. BRÁZ ou das OLIVEIRAS BRANCAS, Chão de
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 584294



Local onde esteve implantada a capela de S. Bráz. À sua volta fazia-se uma feira anual, extinta nos princípios do século XVIII. Superficialmente aparece grande quantidade de cerâmica comum, de épocas diferentes, fragmentos de azulejos hispâno-árabes e *terra sigillata*. É possível que este sítio seja um prolongamento da necrópole romano-visigótica, existente do outro lado da estrada municipal.

- 1 - S. DÂMASO, Rua de
- 2 - Edifício religioso
- 3 - Moderna
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 586292



Capela mandada construir em 1748 pelo padre José António Azevedo Robalo, natural do Sabugal e residente em Monsanto da Beira. Este padre estava convencido que o material da construção da capela tinha pertencido à casa onde S. Dâmaso teria nascido. A capela, do ponto de vista arquitectónico, não é exuberante. Sobre a porta possui inscrição datada (JOZÉ ANTONIO DE AZEVEDO RO / BALLO DO SABUGAL MANDOU FAZER / ESTA CAPELA A S DAMAZO ANNO 1748) e a coroar uma pedra geneológica da família Robalo. O seu interior tem uma cisterna e um púlpito em granito, organizado com restos arquitectónicos romanos. O altar é elegante e totalmente construído em granito. Do lado do nascente possui porta lateral, acessível através de um balcão. Por baixo do balcão está uma caleira de granito que serve de dreno à cisterna. O imóvel tem orientação norte sul.

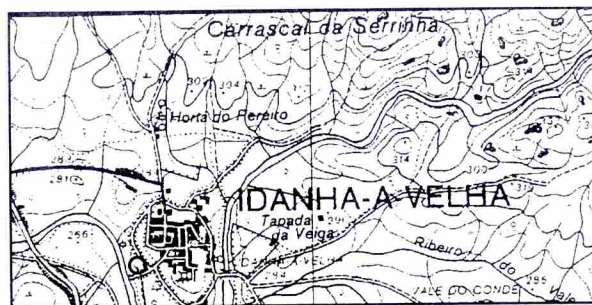
Fernando de Almeida converteu este espaço em reserva visitável dos materiais que ia exumando das suas escavações; antes esteve transformada em palheiro. Actualmente, já não se pode visitar devido ao facto de uma equipa do ex-IPPC o ter transformado exclusivamente em depósito, privando assim o visitante

de admirar outros materiais arqueológicos e não somente inscrições.

Tavares Proença Júnior refere um fragmento de inscrição em mármore, existente nas paredes deste monumento. Como a capela está actualmente rebocada não sabemos se a epígrafe ainda existe no mesmo local ou se foi retirada.

BIBL.: Almeida, 1956; Pereira, 1938; Proença Júnior, 1910 C.

- 1 - TI ZÉ BEATRIZ, Chão do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inéditos
- 5 - PE 584291



Terreno onde aparece grande quantidade de fragmentos de *terra sigillata*, lisa e decorada, de diferentes tipologias, fragmentos de lucernas, artefactos em bronze e cobre e pesos de tear. Apareceu há algum tempo uma marca de oleiro, em *terra sigillata*. Trata-se do oleiro *Scotnus* originário de *La Graufesenque* (actualmente em território francês). Quando se lava são trazidos para a superfície tijolos e tijoleiras em grande número e quase intactos.

- 1 - TI ZÉ ESPANHOL, Tapada do
- 2 - Poço
- 3 - Romana
- 4 - Estudado
- 5 - PE 584292



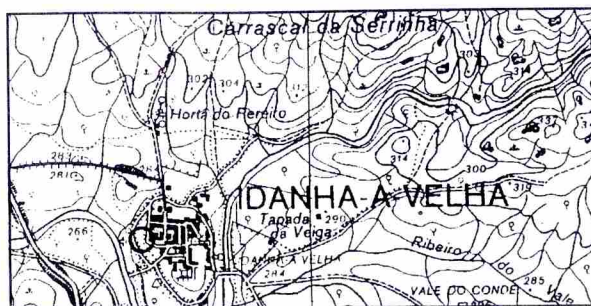
No ano de 1964 foi descoberto este poço, de abertura quadrada, com um metro de lado. Foi logo encetada a escavação por Fernando de Almeida, revelando ter sido escavado no xisto e possui uma profundidade de cerca de 10 metros. Na escavação foram detectados três níveis estratigráficos, bem distintos. O primeiro, até aos cinco metros, constituído por terras de entulho com tégulas, imbrices e tijoleiras à mistura. O segundo, dos cinco aos oito metros, revelou terra mais fina, de cor anegrada com cerâmica doméstica, um vaso da época de Augusto, fragmentos de *terra sigillata* dos séculos I e II d. Cristo e um fundo com a marca *Zoilo*. O terceiro nível, dos oito aos dez metros, era constituído por terra negra, carbonosa e húmida. Foram detectados bastantes vestígios arqueológicos, de que se destaca uma estatueta em azinholo, uma placa de

azinho com as letras F e P gravadas a fogo, um anel de madeira, restos de uma roda de carro em azinho, dois alfinetes de cabeça em quartzito, um anel de cobre e abundantemente *terra sigillata*. Foram também recolhidos restos faunísticos de dourada, coelho, cabra e ovelha. Apareceram igualmente sementes de nóz, zambujeiro, pinheiro manso e bravo, cerejeira, ameixoeira, pessegueiro, romãzeira e videira.

Este poço está actualmente cheio de água, até quase à abertura, e tapado com uma pesada tampa de cimento armado, para proteger possíveis incautos ou atrevidos.

BIBL.: Almeida, 1977 A; Almeida e Ferreira, 1966 A, 1967; Marques, 1969.

- 1 - **TI ZÉ ESPANHOL**, Tapada do
- 2 - Vestígios de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Referenciados
- 5 - PE 584292



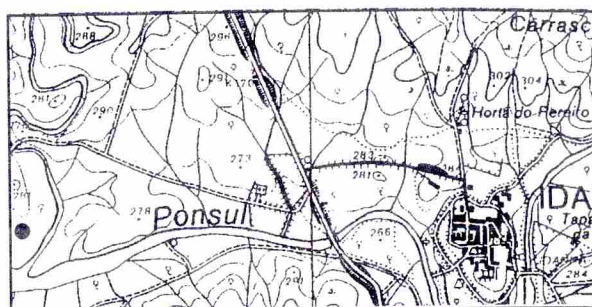
Terreno adjacente à muralha, que acompanha a norte e nordeste, repleto de vestígios cerâmicos como *terra sigillata*, fragmentos de lucernas, vidros, ânforas, tégulas, tijoleiras, azulejos hispâno-árabes e moedas romanas e portuguesas. Na muralha destacam-se uma lápide funerária (SILOTAN / SILONISF / AVITATACIF / MATER / FC) e vários torreões.

BIBL.: Almeida, 1956.

**MONUMENTOS E SÍTIOS
SITUADOS FORA DA ÁREA DA CIDADE ROMANA**

1 - BEIRADAS

- 2 - Forno (?)
- 3 - Romana (?)
- 4 - Inédito
- 5 - PE 570293

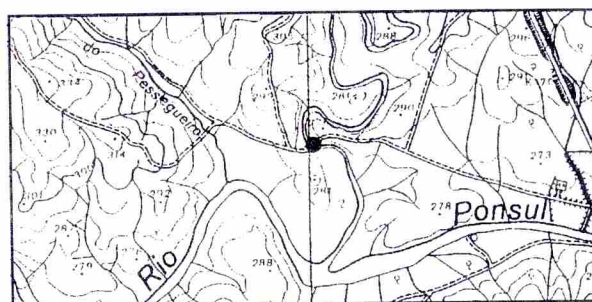


Por informação de João Nunes Vaz e de José Ribeiro Martins, existem soterrados neste local restos de um monumento idêntico ao identificado no Chão da Devesa.

À superfície foram reconhecidos poucos materiais em cerâmica ou pedra.

1 - BEIRADAS

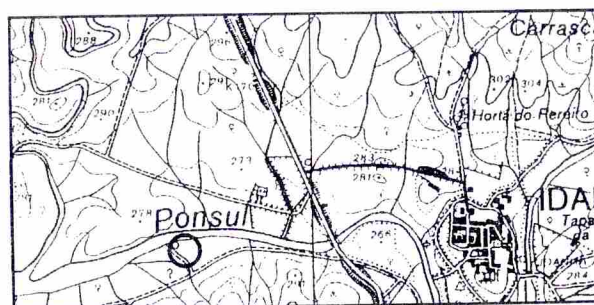
- 2 - Pontão
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédito
- 5 - PE 570295



Pontão sobre o ribeiro do Rio de Moinhos. Tabuleiro direito, sem guardas e em mau estado de conservação. Possui um pilar, ao centro, com talhamar. Monumento a necessitar de urgente reparação e consolidação.

1 - BEIRADAS, Poço das

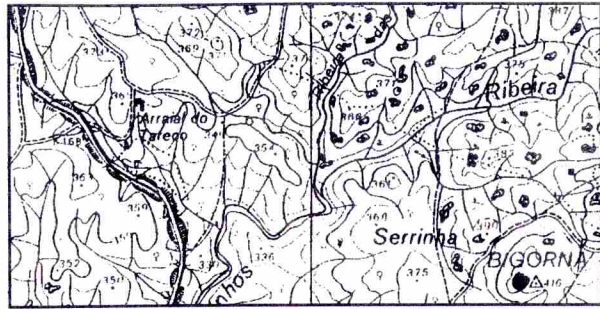
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 575292



Na margem esquerda do rio Ponsul, em volta de um poço e dentro do leito do rio existem abundantes vestígios de material cerâmico comum e cantarias trabalhadas.

1 - BIGORNA I

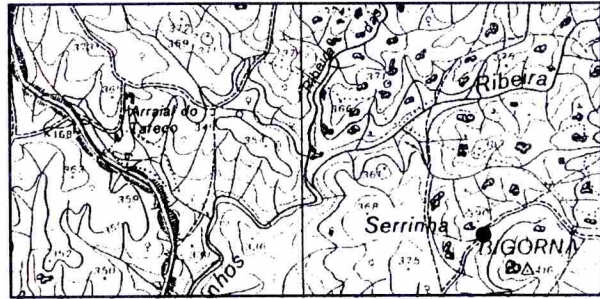
- 2 - Lagar
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédito
- 5 - PE 587310



Monumento situado ao lado do marco geodésico da Bigorna. Está escavado em afloramento de granito. Possui três divisões. Está em bom estado de conservação, mas entulhado. De realçar o comprimento do lagar com cerca de seis metros. Perto existem dois contrapesos de lagar, de diferente tipologia.

1 - BIGORNA II

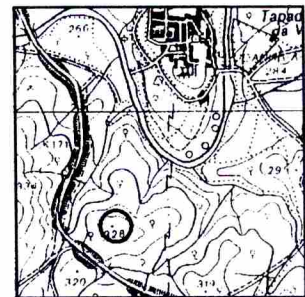
- 2 - Lagariça
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédita
- 5 - PE 586312



Lagariça escavada em afloramento de granito, no meio de um caminho rural. Este monumento possui regos para escoamento de líquidos e uma zona circular onde pisavam o fruto. Esta zona estava cercada por murete em material perecível, possivelmente barro, hoje inexistente mas facilmente perceptível em negativo.

1 - CARRASCAL V ou TRINCHEIRA ALTA

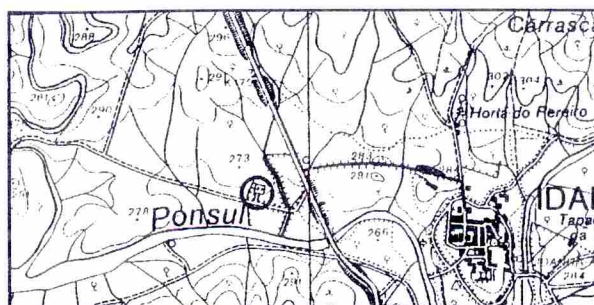
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 583286



Encontram-se superficialmente vestígios de cerâmica comum e grandes blocos de granito afeiçãoados.

1 - CEMITÉRIO

- 2 - Estação de superfície (?)
- 3 - Paleolítico
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 578294



Estação Referenciada por Seomara da Veiga Ferreira num terraço quaternário do rio Ponsul. Em visitas ao local não detectámos vestígios de artefactos da época mencionada.

BIBL.: Ferreira, 1970.

1 - CONVENTO ou SANTÍSSIMO, Terra do

- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 564292

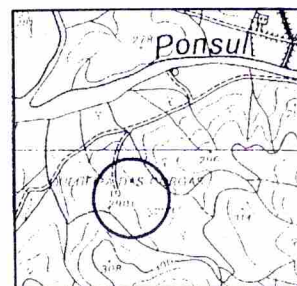


Em local sobranceiro ao rio Ponsul, na ponta de um esporão, encontram-se vestígios de estruturas habitacionais bem visíveis, restos de arquitectura (bases e troncos de colunas), mós manuais, tijoleiras, telhas e restos de dólidos. No Museu de Francisco Tavares Proença Júnior de Castelo Branco existe uma vasilha intacta desta proveniência. No local, antes da plantação de eucaliptos feita há alguns anos, eram visíveis restos de estruturas mais importantes, entretanto perdidas. No sopé do monte, junto ao Ponsul e a servir de poldra, ainda se vê uma base de coluna de apreciáveis dimensões.

BIBL.: Pereira, 1938.

1 - CORGAS

- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 573288



Em redor do edifício da queijeira das Corgas, dominando uma planície aluvial, existe grande densidade de materiais arqueológicos da época romana. De salientar a grande quantidade de tégulas, dólios, lateres, o aparecimento de troncos de colunas, moedas e *terra sigillata*.

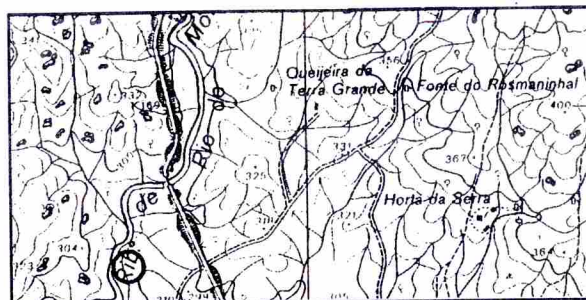
1 - CURRAL ou TORRÃO

2 - Estação de superfície

3 - Romana

4 - Inédita

5 - PE 573302



A jusante da barragem romana do Rio de Moinhos, na margem esquerda deste curso de água, houve intensa ocupação evidenciada à superfície pela cerâmica e restos de arquitectura.

É originário desta estação arqueológica um sarcófago em granito que foi levado para uma horta em Idanha-a-Velha.

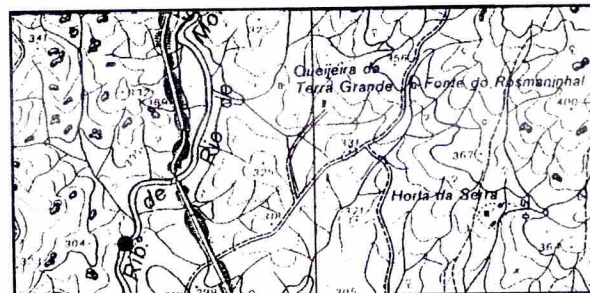
1 - CURRAL ou TORREÃO

2 - Barragem

3 - Romana

4 - Estudada

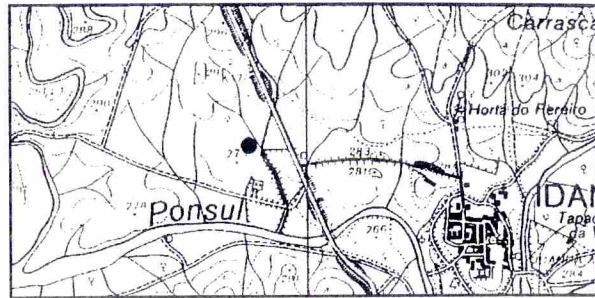
5 - PE 547302



Barragem de aterro implantada no ribeiro do Rio de Moinhos. Este monumento terá tido uma altura de cerca de onze metros. Está destruída na parte central, por acção das águas. Possui uma granulometria diversificada que chega a atingir a dimensão de grandes placas de xisto. A albufeira teria tido uma capacidade de armazenamento de cerca de 180.000 m³.

BIBL.: Almeida, 1956, 1977A; Quintela, 1986A e 1995.

- 1 - **DEVESA** ou do **FORNO TELHEIRO**, Chão da
- 2 - Forro
- 3 - Romana
- 4 - Estudado
- 5 - PE 578294



A descoberta deste forno foi ocasional e decorreu em 1962, durante uma lavra, quando um dos bois enfiou uma pata num agulheiro e ficou imbolizado. No mesmo ano foi encetada a escavação que apenas terminou anos mais tarde. Trata-se de monumento de planta rectangular, escavado no xisto, composto por duas divisões, “ um *atrium* aberto ou vestíbulo de trabalho à boca da *fornáx* e a fornalha propriamente dita. Esta está toda revestida com espessa camada de barro refractário e separada do lar ou grelha por uma *suspensura* com três arcos de tijoleiras (...) tendo todas ligadas por aquele barro. A grelha assenta nos três arcos e é constituída por um massame de barro com revestimento de tijoleira.

A entrada da fornalha é em túnel feito numa espécie de grés endurecido pelo fogo e projecta-se para fora do paramento da grelha (...).

A grelha tem 53 agulheiros de diâmetros diferentes e sem disposição simétrica e uma saída para fumos por cima do túnel de carga”. (Almeida e Ferreira, 1908)

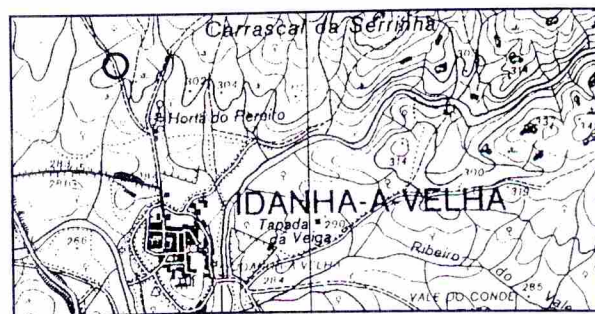
Seriam imbrices os produtos aqui cozidos, pois foram os únicos materiais detectados na escavação.

Actualmente este imóvel está em miseráveis condições de conservação, reclamando não só uma boa limpeza e recuperação, assim como um telheiro para o proteger das chuvas e do vandalismo humano. Na área envolvente são pouco visíveis os sinais da presença romana à superfície, ocorrendo apenas o aparecimento de tégulas e imbrices.

Soubemos, do aparecimento de outro monumento da mesma tipologia neste terreno, aquando de uma lavra efectuada com uma charrua de formão.

BIBL.: Almeida e Ferreira, 1968; Almeida, 1977 A.

- 1 - **ENTRADA**, Olival da
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 584308



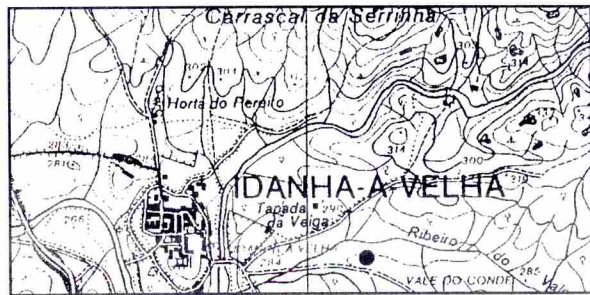
Sítio com vestígios cerâmicos pobres à superfície.

- 1 - FIGUEIRA, Vale da
- 2 - Insculturas
- 3 - Idade do Bronze (?)
- 4 - Estudadas
- 5 - ¹²

Por indicação de Joaquim Pedroso, residente no Carroqueiro, Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira identificaram para norte do marco geodésico do Vale da Figueira (?), que deverá ser o marco geodésico da Bigorna, uma pedra com sete figuras cruciformes, interpretadas como representações humanas estilizadas.

BIBL.: Almeida e Ferreira, 1966 A; Ferreira, 1977.

- 1 - FORCA, Cabecinho da
- 2 - Monumento megalítico
- 3 - Neolítico / calcolítico
- 4 - Estudado
- 5 - PE 592291



Este monumento já era conhecido nos princípios do século. Foi escavado há cerca de quarenta anos por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira. Aquando da escavação a jazida já se encontrava violada.

Trata-se de um pequeno dólmen sem corredor e câmara elíptica composta por oito esteios em xisto. Alguns dos esteios possuem covinhas, facto que passou despercebido a todos os autores que trataram o monumento. Tem ainda mamoa muito espaiada e de pouca altura. O imóvel encontra-se em péssimo estado de conservação.

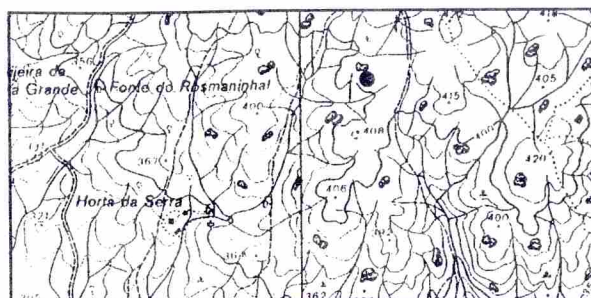
Durante a escavação foi recolhido o seguinte espólio: dois instrumentos de pedra polida, restos de um recipiente em barro, um pequeno pilão de quartzito e um pequeno disco em xisto, que teria sido usado como tampa. Este espólio encontra-se no Museu Francisco Torres de Proença Jr. em Castelo Branco.

No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Lisboa, existe, desta anta, uma lâmina em sílex com o número 5479

¹² Não se indica a coordenada dado que não foi possível identificar no terreno estas gravuras.

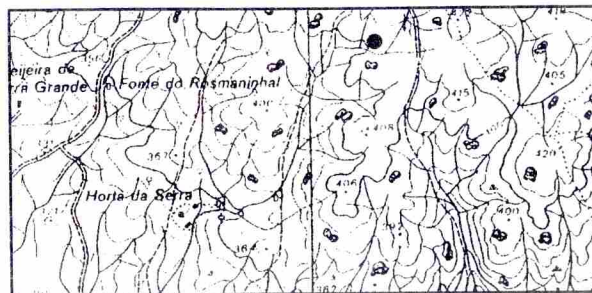
BIBL.: Proença Júnior, 1910 A; Almeida e Ferreira, 1958 A e 1959.

- 1 - FUNDA I, Barroca
- 2 - Lagar (?)
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédito
- 5 - PE 592307



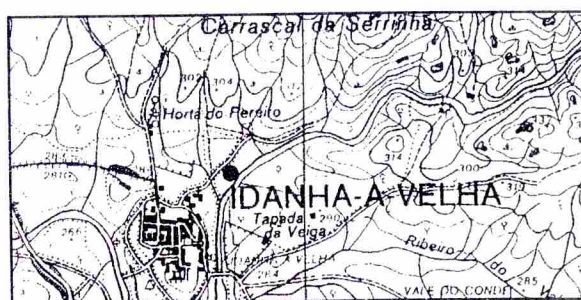
Monumento escavado em granito e bastante entulhado. Só é detectável uma divisão de planta aproximadamente rectangular.

- 1 - FUNDA II, Barroca
- 2 - Lagar
- 3 - Romana
- 4 - Inédito
- 5 - PE 592308



Lagar escavado sobre afloramento de granito. Possui duas divisões, unidas por orifício, entulhadas com pedras, terra e fragmentos de telhas.

- 1 - FREIXO, Chão do, ou JARDIM, Tapada do
- 2 - Árvore mítica
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 587294

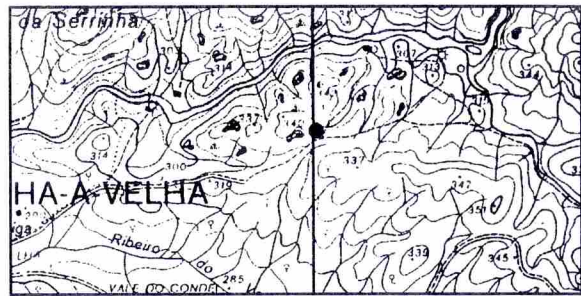


Árvore conhecida como o freixo do rei Vamba. Segundo a lenda, teria sido espetada pelo rei dos visigodos quando lhe foi comunicada a sua ascensão ao título máximo. O rei, num primeiro momento, terá recusado o ceptro e só o aceitaria se a vara de freixo que trazia na mão, e que espetou no chão, voltasse a dar folhas. Milagre; a vara, de um momento para o outro, começa a verdejar. Segundo a lenda esta árvore é a vara do rei.

Possui cercadura de cantarias e numa delas, inserida numa moldura de tipo romano, a seguinte inscrição: VVAMBA / EGITANIENSE. Esta cercadura foi mandada aí colocar por Fernando de Almeida. No entanto, as Memórias Paroquiais já referem a inscrição neste local em 1758. Não se sabe se a dita inscrição é a original ou uma cópia mandada forjar por Fernando de Almeida. Somos de opinião que o texto original terá sido feito durante o Renascimento.

BIBL : Almeida, 1956; Salvado e Salvado, 1995.

- 1 - **GAGA**, Moinho da
- 2 - Lagariça
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédita
- 5 - PE 600295



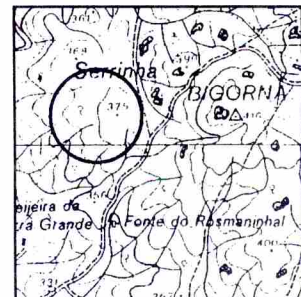
Pequena lagariça, escavada no topo de um penedo granítico, de planta rectangular e com canal de escoamento para o exterior da rocha.

- 1 - **JUDEU**, Moinho
- 2 - Lagar
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédito
- 5 - PE 602297



Grande lagar escavado no granito, com três divisões interligadas e em plano inclinado. Perto foi detectado um contrapeso de lagar.

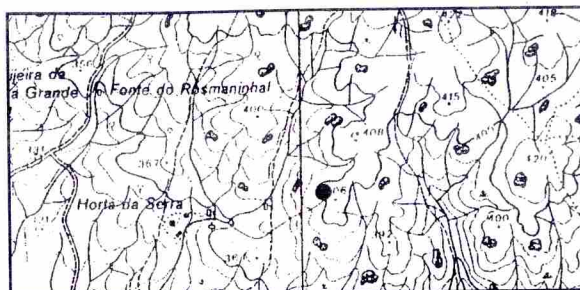
- 1 - **MARIA DE CAMPOS**, Terra da
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 583311



Estação que ocupa uma vasta área. Predomina grande quantidade de materiais à superfície, como cerâmicas comuns e outros materiais em barro, incluindo *terra sigillata*, e elementos de granito, sendo de destacar alguns moinhos manuais. Deverá tratar-se de uma *villae*.

1 - MINA VELHA I

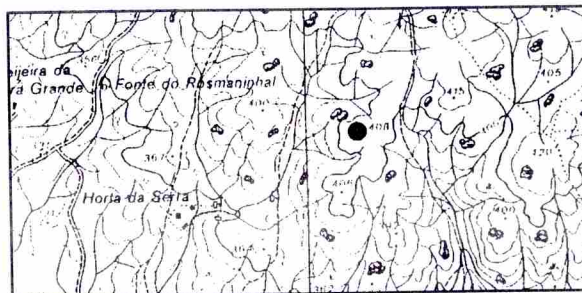
- 2 - Lagar
- 3 - Romano / medieval
- 4 - Inédito
- 5 - PE 591304



Lagar escavado no granito composta por duas pias rectangulares, interligadas por orifício. Em volta existem alguns fragmentos de tégulas. As divisões estão bastante entulhadas.

1 - MINA VELHA II

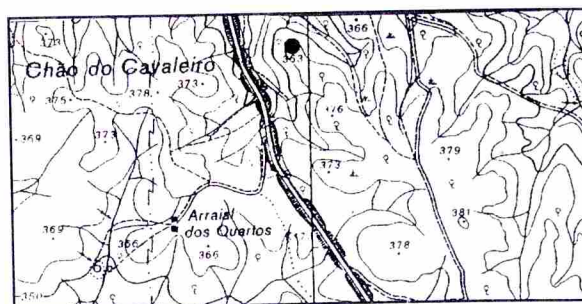
- 2 - Lagar / pia
- 3 - Medieval / moderno
- 4 - Inédito
- 5 - PE 591305



Monumento de forma rectangular, escavado no granito e bastante profundo. O interior do monumento está muito entulhado.

1 - PEDRA FURADA I

- 2 - Pedra furada
- 3 - Incerta
- 4 - Referenciada
- 5 - PE 589278

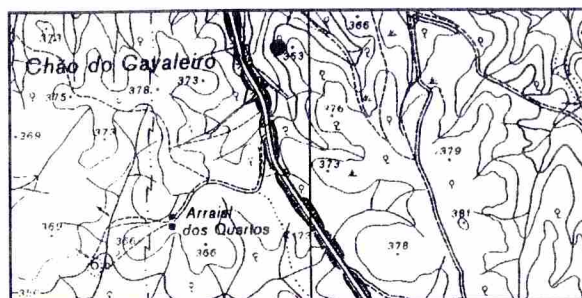


Afloramento xistoso, possuindo um buraco que atravessa a pedra na direcção nascente - poente. Esta pedra tão singular está associada a lendas de tesouros escondidos. Há também quem seja de opinião, por certo a mais correcta, que o furo servia para prenderem reses para abatimento.

BIBL.: Ferreira e Costa, 1970.

1 - PEDRA FURADA II

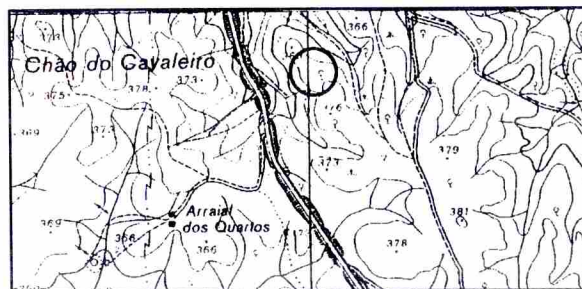
- 2 - Sepultura
- 3 - Medieval
- 4 - Inédita
- 5 - PE 589278



Sepultura de forma sub-rectangular, escavada no xisto e bastante entulhada. Possuímos informação da existência de outra sepultura nas proximidades, mas até ao momento, não foi possível identificá-la.

1 - PEDRA FURADA III

- 2 - Estação de superfície
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédita
- 5 - PE 590277



Na crista do monte e numa vasta área foram encontrados restos de telhas de tipo mourisco, e outros materiais cerâmicos além de grande quantidade de pedra miúda, proveniente da ruína das construções que aí existiram. Perto foi recolhido um machado de pedra polida, hoje em posse do Dr. Domingos dos Santos Rijo.

1 - PENEDO GORDO I

- 2 - Estação de superfície
- 3 - Paleolítica
- 4 - Estudada
- 5 - ¹³

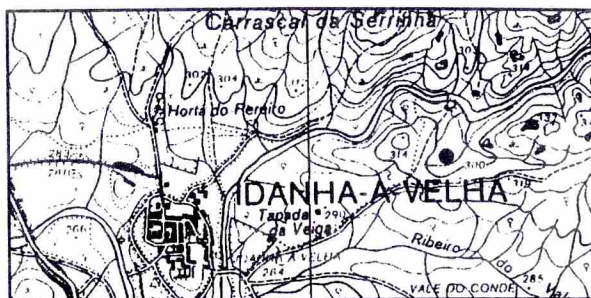
Descoberta por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira em 1968. Recolheram na altura peças trabalhadas em quartzito (raspadores, núcleos e um calhau truncado).

BIBL.: Almeida e Ferreira, 1970.

¹³ Não facultamos coordenada nem mapa por não termos identificado a jazida.

1 - PENEDO GORDO II

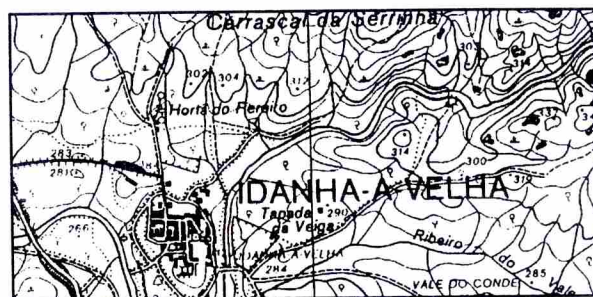
- 2 - Lagariça
- 3 - Medieval / moderna
- 4 - Inédita
- 5 - PE 594 294



Pequena lagariça escavada no granito e composta por dois reservatórios. Um rectangular que liga a um circular por canal. Deste último sai canal de escoamento para o exterior. O reservatório redondo corresponderá a um pequeno tanque de decantação.

1 - PENEDO GORDO III

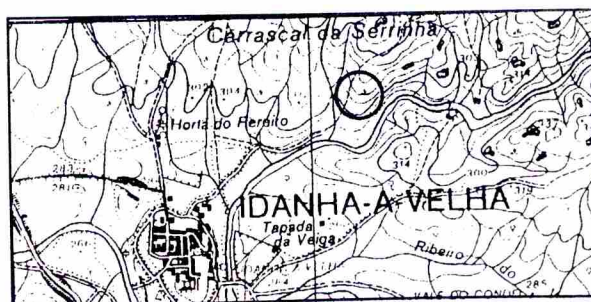
- 2 - Insculturas
- 3 - Idade do Bronze (?)
- 4 - Estudadas
- 5 - PE 598288



Por informação de António José Monteiro, Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira reconheceram quatro insculturas de configuração humana estilizada, num penedo arredondado de granito. Duas das gravuras estão orientadas para nascente e as restantes para poente. Em visita ao local não conseguimos identificar as gravuras rupestres, devido ao abundante musgo existente na rocha, ou sua possível destruição.

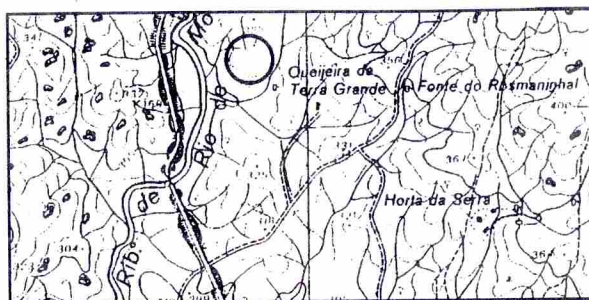
BIBL.: Almeida e Ferreira, 1966 A.

- 1 - PEQUENO, Carrascal
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 589296



Local onde aparecem, em grande quantidade, tégulas, imbrices e onde foi desenterrada uma pequena ânfora quase intacta, descoberta por um pastor.

- 1 - PROFESSORA, Terra da
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 578308



Grande extensão de terreno juncado de materiais cerâmicos comuns e pétreos. Têm também aparecido algumas moedas e mós em granito.

- 1 - S. DOMINGOS, Barreira de
- 2 - Edifício religioso
- 3 - Medieval / moderno
- 4 - Referenciado
- 5 - PE 580287



Restos de paredes a coroar a cota mais elevada de um monte sobranceiro ao rio Ponsul. Trata-se da antiga ermida de S. Domingos. As estruturas possuem cerca de um metro de altura e nada se deduz da sua anterior função. Provalvelmente faria parte do espólio uma imagem de S. Domingos em calcário, guardada na capela de S. Dâmaso, e um nicho em granito exposto na rua de Guimarães.

BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - SERRA I, Horta da
- 2 - Cista megalítica
- 3 - Neolítico / calcolítico
- 4 - Estudada
- 5 - ¹⁴

Monumento escavado por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira. Possuía forma ovalada ou elíptica. Da escavação não resultou espólio pré-histórico já que o seu interior havia sido profanado, possivelmente em época romana. O espólio era constituído por fragmentos de tégulas e dólitos. Os esteios

¹⁴ Não facultamos a coordenada nem mapa por não se conhecer a localização do monumento.

eram em xisto e granito. Actualmente o monumento está completamente arrasado por acção de caterpillar em desmatação do terreno.

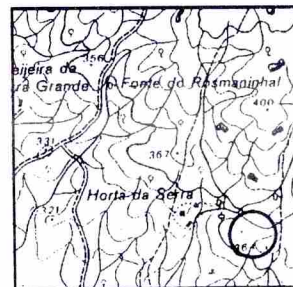
BIBL.: Almeida e Ferreira, 1958 A, 1959; Ferreira, 1977.

- 1 - **SERRA II**, Horta da
- 2 - Cista megalítica
- 3 - Neolítico / calcolítico
- 4 - Estudada
- 5 - ¹⁵

Monumento também escavado por Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira. Possuía dois esteios *in situ* e não tinha mamoa. Os esteios eram de xisto. Durante a escavação não apareceu espólio. Monumento arrasado pela acção de caterpillar em desmatação.

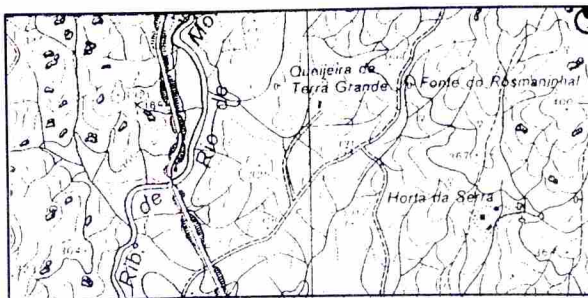
BIBL.: Almeida e Ferreira, 1958 A, 1959; Ferreira, 1977.

- 1 - **SERRA III**, Horta da
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 588302



Terreno com abundante quantidade de fragmentos de telhas, tijolos, dólitos e restos de construção em granito e xisto.

- 1 - **SERRINHA I**
- 2 - Lagar e estação de superfície
- 3 - Romana / medieval
- 4 - Inédito
- 5 - PE 589309

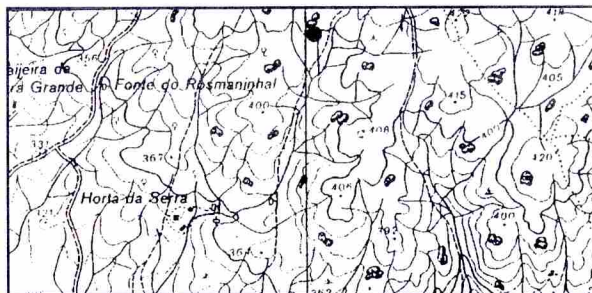


¹⁵ Ide n nota 14.

Local com muita cerâmica e restos de construção à superfície. Foi também recolhido um fragmento de vidro romano. No extremo norte da estação arqueológica encontra-se um lagar escavado na rocha, com duas divisões rectangulares bastante entulhadas. Em redor são visíveis muros, decerto das paredes da habitação em que o lagar se situava.

1 - **SERRINHA II**

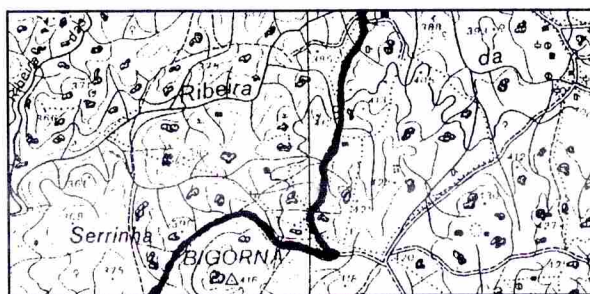
- 2 - Lagar
- 3 - Romano / medieval
- 4 - Inédito
- 5 - PE 590308



Lagar, com duas divisões rectangulares, escavado no granito. A divisão situada mais a sul é menor que a outra. Em volta aparecem telhas e imbrices.

1 - **SERRINHA III**

- 2 - Via
- 3 - Romano / medieval
- 4 - Referenciada
- 5 - ¹⁶

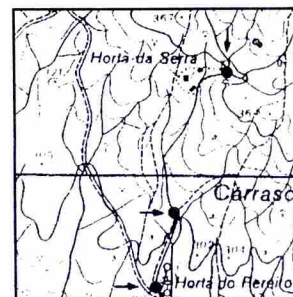


Antiga estrada que ligava Idanha-a-Velha e Monsanto da Beira. No Vale da Portela foi identificado um marco miliário, muito fragmentado, com algumas letras. Nalguns troços são ainda visíveis calçadas com blocos graníticos em mau estado de conservação.

BIBL.: Carvalho, 1989.

1 - **SERRINHA**, Carrascal da / **POMBAL** / **SERRA**, Horta da

- 2 - Caleiras
- 3 - Romana (?)
- 4 - Referenciadas
- 5 - ¹⁷



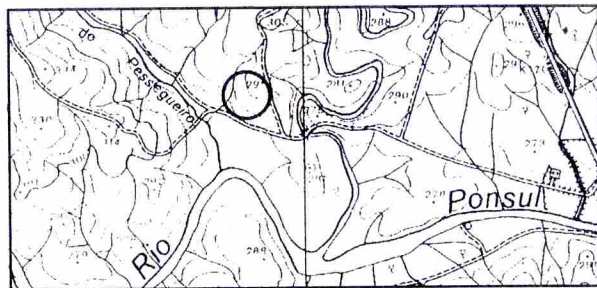
¹⁶ Não facultamos qualquer coordenada devido à extensão do monumento.

¹⁷ Não facultamos a coordenada já que se trata de vestígios em sítios diferentes.

Algumas caleiras são referidas por Fernando de Almeida, possível continuação das existentes à saída da mina na Horta da Serra. São em granito e algumas parecem estar *in situ*, enquanto outras dão serventia em outros locais, aí colocadas pelo Homem, como é o caso das que estão a servir de ombreiras de portão num terreno situado a norte da Horta do Pereiro.

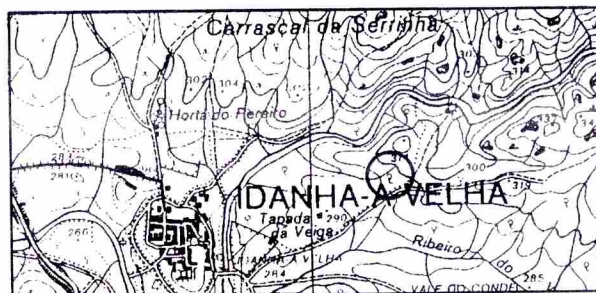
BIBL.: Almeida, 1956.

- 1 - **VACAS**, Terra das, ou **PESSEGUEIRINHO**
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 568296



Inúmeros restos de construção em xiste e granito cobrindo uma vasta área.

- 1 - **VEIGA**
- 2 - Estação de superfície
- 3 - Romana
- 4 - Inédita
- 5 - PE 593295



Área apreciável onde se encontram fragmentos de tégulas, tijolos, *terra sigillata* e algum material de construção em granito. No caminho, que passa no interior da estação, observam-se estruturas em granito de função desconhecida.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Adília Moutinho

- 1971 *A terra sigillata itálica em Portugal*, Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 2, p. 421-432.

ALARCÃO, Jorge de

- 1976 *Egitanea*, The Princeton Encyclopedia of Classical Sites, (dir. Richard Stillwell), New Jersey, 1, p. 293.
- 1987 *Portugal romano*, Lisboa.
- 1988 A *O domínio romano em Portugal*, Lisboa.
- 1988 B *Roman Portugal*, Warminster.
- 1990 A *O reordenamento territorial*, Nova História de Portugal, (Dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão), Lisboa, 1, p. 352-382.
- 1990 B *O Estado e o governo*, Nova História de Portugal, (Dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão), Lisboa, 1, p. 383-394.
- 1990 C *Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios*, Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires, Paris, p. 21-34.
- 1990 D *A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto*, Stadtbild und ideologie. Die monumentalisierung hispanischer städt zwischen Republik und Kaiserzeit, München, p. 43-57.

ALARCÃO, Jorge de e **ÉTIENNE**, Robert

- 1976 *Le Portugal a l'époque augustéenne*, Symposium de Ciudades Augusteas, Zaragoza, p. 171-187.

ALBERTOS FIRMAT, Maria de Lourdes

- 1972 *Nuevos antropónimos hispánicos*, Emérita, Madrid, 40, , p. 1-30 e 287-318.
- 1979 *Vettones y Lusitanos en los ejércitos imperiales*, Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano, Cáceres, p. 31-51.
- 1986 *La onomástica personal primitiva de Hispânia Tarraconense y Bética*, Salamanca.

ALLAN, John C.

- 1965 *A mineração em Portugal na antiguidade*, Boletim de Minas, Lisboa, 2, 3, p. 137-173.

ALMEIDA, Fernando de

- 1955 *C. César, príncipe da juventude honrado em Idanha-a-Velha*, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 2ª série, 21, p. 178-185.
- 1956 *Egitânia. História e arqueologia*, Lisboa.
- 1957 A *Notas sobre as primeiras escavações em Idanha-a-Velha*, 23º Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências, Coimbra, 8, p. 9-14.
- 1957 B *Já há 1400 anos, o território do distrito de Castelo Branco constituía uma diocese*, Jornal Beira Baixa, Castelo Branco, 1022.
- 1959 *Templo de Vénus em Idanha-a-Velha*, Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2, p. 133-139.
- 1961 *A porta romana do Ponsul em Idanha-a-Velha*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 1, p. 119-124.
- 1962 A *Aras inéditas, igéditanas, dedicadas a Marte. Um templo de Marte em Idanha-a-Velha*, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 3ª série, 6, p. 68-78.
- 1962 B *Arte visigótica em Portugal*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 2ª série, 4, p. 5-278.
- 1964 *Igaedus, divindade lusitana e a Senhora do Almortão*, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 3ª série, 8, p. 65-73.
- 1965 A *O baptistério paleo-cristão de Idanha-a-Velha (Portugal)*, Boletim del seminário de Estudios de Arte y Arqueologia, Valladolid, 31, p. 134-136.
- 1965 B *Mais divindades lusitanas do grupo "Band"*, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 3ª série, 9, p. 19-31.
- 1966 *Um "palatium episcopi" do século. VI em Idanha-a-Velha (Portugal)*, 9º Congresso Nacional de Arqueologia, Zaragoza, p. 408-411.
- 1967 *Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitânico*, Arquivo de Beja, Beja, 23-24, p. 224-240
- 1968 *Anastilose e distilose nos monumentos antigos*, Anais da Academia Portuguesa de História, Lisboa, 17, p.9-30.
- 1970 *Mineração romana em Portugal*, La minería hispana y iberoamericana.

- Contribución a su investigación histórica. Estudios, León, 1, p. 195-220.
- 1971 A *Egitânia*, Dicionário de História de Portugal, (Dir. Joel Serrão), Lisboa, 2, p. 10-13.
- 1971 B *Notas sobre moedas visigóticas (I)*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 3ª série, 5, p. 215-226.
- 1973 *Museu e diocese de Castelo Branco*, Castelo Branco.
- 1974 A *Torre da Palma (Portugal). A basílica paleocristã e visigótica*, Archivo Español de Arqueología, Madrid, 45-47, p. 103-112.
- 1974 B *L'art wisigothique au Portugal*, Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, 4, p. 103-107.
- 1975 *Egitânia*, Dicionário de Historia de Portugal, (Dir. Joel Serrão), Porto, 2, p. 354-357.
- 1977 A *Civitas Igaeditanorum et Egitania, municipium romain, ville épiscopal wisigothique*, Thèmes de recherches sur les villes antiques d'occident, Paris, p. 39-45.
- 1977 B *As ruínas romanas e visigóticas de Idanha-a-Velha*, Anais da Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2ª série, 24, p. 41-57.
- 1977 C *Ruínas de Idanha-a-Velha: Civitas Igaeditanorum. Egitânia: guia para o visitante*, Lisboa.
- 1977 D *Notas sobre moedas visigóticas (II)*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 3ª série, 5, p. 383-388.
- 1984 *Egitânia*, Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Lisboa, 7, p. 224-226.

ALMEIDA, Fernando de e GARCIA, Eduíno Borges

- 1966 *Igreja visigótica de S. Gião (Estremadura - Portugal). Campanha de escavações durante Agosto de 1965*, 10º Congreso Nacional de Arqueologia, Zaragoza, p. 405-407.

ALMEIDA, Fernando de e MATOS, José Luís de

- 1972 *Notes sur quelques monuments paleochrétiens du Portugal*, Actas del 7º Congreso Nacional de Arqueologia Cristiana, Barcelona, p. 240-242.

ALMEIDA, Fernando de, e FERREIRA, O. Da Veiga

- 1956 *Placas de xisto antropomorfas do Museu Lapidar Egeidano (Idanha-a-Velha)*, Revista de Guimarães, Guimarães, 66, p. 103-108.
- 1957 *A necrópole céltico-romana de Idanha-a-Velha*, Actas do 23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra, 8, p. 5-7.
- 1958 *Cemitério romano-visigodo (?) de Idanha-a-Velha*, Archivo Español de Arqueología, Madrid, 31, p. 217-222.
- 1958 A *Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha*, Revista de Guimarães, Guimarães, 68, p. 317-322.
- 1959 *Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha*, Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1, p. 225-230.
- 1964 *Antiguidades da Egitânia. Alguns achados dignos de nota*, Arqueologia e História, Lisboa, 8ª série, 11, p. 93-101.
- 1965 *Fíbula ornamentada de Idanha-a-Velha*, Arquivo de Beja, Beja, 22, p. 161-166
- 1966 A *Descoberta das primeiras insculturas com configuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha*, Lucerna, Porto, 5, p. 425-433.
- 1966 B *Escultura em madeira de Idanha-a-Velha*, Archivo Español de Arqueología, Madrid, 39, p. 129-131.
- 1966 C *A estratigrafia observada no local do "balineum" lusitano-romano da Egitânia*, Revista de Guimarães, Guimarães, 76, p. 109-116.
- 1967 *Um poço lusitano-romano encontrado em Idanha-a-Velha*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 3ª série, 1, p. 57-63.
- 1968 *Uma "fornax" lusitano-romana na Egitânia*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 3ª série, 2, p. 61-70.
- 1970 *Descoberta de uma estação Languedocense em Idanha-a-Velha*, Actas das 1as Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1, p. 223-240.
- 1971 *Um monumento megalítico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha)*, Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1, p. 163-168.

ALMEIDA, Fortunato de

- 1910 *História da Igreja em Portugal*, Coimbra, 1.

ALMEIDA, João de

1945 *Roteiro dos monumentos militares portugueses - Beira*, Lisboa, 1.

ALMEIDA, José António Ferreira de

1953 *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 2ª série, 2, p. 5-208.

ALMEIDA, Justino Mendes de

1985 *Evocação ao Professor Doutor D. Fernando de Almeida*, Castelo Branco.

AMOURETTI, Marie-Claire, COMET, Georges, NEY, Claude, e PAILLET, Jean-Louis

1984 *À propos du pressoir à huile: de l'archéologie industrielle à l'histoire*, Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité, Paris, 96, p. 379-421.

ARRAIS, Amador de

1846 *Diálogos*, Lisboa.

AZEVEDO, Pedro A. de

1898 A *Notícias antigas sobre archeologia*, O Archeólogo Português, Lisboa, 4, p. 277-280.

1898 B *Extractos archeológicos das "Memórias Parochiais de 1758"*, O Archeólogo Português, Lisboa, 4, p. 315-329.

BARBOSA, Pedro Gomes

1983 *Arte e cultura do império romano à fundação da nacionalidade*, História de Portugal (Dir. José Hermano Saraiva), Lisboa, 1, p. 363-397.

BARREIROS, Gaspar

1968 *Chorographia ...*, Coimbra.

BARRETO, António Pedrosa

1952 *Memorial ou história dos banhos da Fonte Santa de Monfortinho - 1862*, Porto.

BELO, Aurélio Ricardo

1970 *Algumas palavras sobre a torre de Centum Cellae de Belmonte*, Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2, p. 35-55.

BELTRÁN LLORIS, Miguel

1975/1976 *Aportaciones a la epigrafia y arqueologia romana de Cáceres*, Caesaraugusta, Zaragoza,, 39/40, p. 19-111.

BLANCO FREIJEIRO, António

1977 *El puente de Alcantara en su contexto histórico*, Madrid.

BLÁZQUEZ, José Maria

S/d *Diccionario de las religiones preromanas de Hispania*, Madrid.

BORGES, Nélon Correia

1976 *Nova leitura da inscrição CIL 6275A (Penacova)*, conimbriga, Coimbra, 15, p. 117-126.

BOSCH-GIMPERA, Pedro

1945 *La formación de los pueblos de España*, México.

BRANDÃO, António

S/d *Crónicas de D. Sancho I e de D. Afonso II*, Porto.
1632/1672 *Monarchia lusitana*, Lisboa.

BRANDÃO, Maria Luísa

1986 *Egitânia. Projecto de compatibilização de um aglomerado de vocação rural com uma área arqueológica de interesse prioritário*, Porto, 29 x 21 centímetros.
(Material não livro).

BRITO, Bernardo de

1609 *Monarchia lusitana*, Lisboa, 2.

CABALLERO ZOREDA, Luís, e **SÁNCHEZ-PALENCIA RAMOS**, F. Javier

1982 *Presas romanas y datos sobre poblamiento romano y medieval en la provincia de Toledo*, Noticiário Arqueológico Hispanico, Madrid, 14, p. 379-433.

CAMPOS, Correia de

1965 *Arqueologia árabe em Portugal*, Lisboa.

CAMPOS, João Pires de

1959 *Estações arqueológicas das bandas de leste do concelho de Idanha-a-Nova*, Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1, p. 371-380.

CAMPOS, João Pires de, e **CATANA**, António Silveira

S/d *Triângulo turístico do concelho de Idanha-a-Nova*, Castelo Branco.

CARDOSO, Jorge

1652 *Agiologio lusitano ...*, Lisboa, 1.

CARDOSO, José Inácio

1861 *Quadro da província da Beira Baixa*, Lisboa.

CARDOSO, José Ribeiro

1953 *Castelo Branco e o seu alfoz. Achegas para uma monografia regional*, Castelo Branco.

CARDOSO, Luís

1747 *Diccionario geográfico, ou notícia...*, Lisboa.

CARVALHO, Rogério

1989 *Vale da Portela (Monsanto). O vestígio de uma passagem romana*, Jornal do Fundão, Fundão, 2247.

1991 *Cerâmicas medievais do Museu Francisco Tavares Proença Jr.*, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Mértola, p. 46-54.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva

1976 *A Sé egitaniense na era quinhentista. (Subsídios para a sua história)*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, nova série, 1, p. 46-54.

CASTRO, Armando de

1983 *A economia da Ibéria ocidental no início da dominação romana (218 aC) ao século XII*, História de Portugal (dir. José Hermano Saraiva), Lisboa, 1, p. 311-351.

CASTRO, J. Osório Gama e

1902 *Diocese e districto da Guarda*, Porto.

CATANA, António Silveira

1979 *Idanha-a-Velha*, Memorial Histórico-Arqueológico e Monumental do Distrito de Castelo Branco, Castelo Branco, p. 38-43.

1992 *A romaria da Senhora do Almurtão ontem e na viragem do milénio*, Castelo Branco.

CENTENO, Rui

1983 *A dominação romana*, História de Portugal, (dir. José Hermano Saraiva), Lisboa, 1, p. 149-212.

CENTRO NACIONAL DE CULTURA

1988 *Idanha-a-Velha*, Lisboa.

CHAVES, Luís

1962 *O namorado persistente das moedas visigóticas da Egitânia*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 6, p. 16-26.

CÍRCULO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS

1959 *Egitânia*, Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2, p. 229-300.

COELHO, António Borges

1972 *Portugal na Espanha árabe*, Lisboa.

CORREIA, Mendes

1944 *Os celtas na Beira*, Boletim da Casa das Beiras, Lisboa, 3ª série, 10, p. 5-11.

CORREIA, J. Diogo

1966 *Guimarães nos limites de Idanha-a-Velha*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 19, p. 36-38.

CORREIA, Vergílio

1928 A *O domínio romano*, História de Portugal (dir. Damião Peres), Barcelos, 1, p. 215-290.

1928 B *Arte visigótica*, História de Portugal (dir. Damião Peres), Barcelos, 1, p. 363-388.

1945 *Idanha-a-Velha*, Museu, Porto, 4, p. 106-120.

CÔRTE-REAL, Artur

1990 *Epitáfio de Quadratus (Aegitania)*, Ficheiro Epigráfico, Coimbra, 34, nº 154.

1996 *Estação arqueológica de Idanha-a-Velha: acções desenvolvidas pelo serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro no âmbito do estudo, conservação e valorização do sítio - (1987-1990)*, Materiais, Castelo Branco, 2ª série, 0 (2), p. 21-44.

1996 *Um monumento ressuscitado. CIL 435*, Materiais, Castelo Branco, 2ª série, 0(2), p. 53-55.

CÔRTE-REAL, Artur, e ENCARNAÇÃO, José d'

1990 *Homenagem a Sula Lucrônio (Aegitania)*, Ficheiro Epigráfico, Coimbra, 34, nº 153.

COSTA, António Carvalho da

Corografia portuguesa ..., Lisboa.

CRAWFORD, Michael H.

1969 *Roman republican coin hoards*, London.

CURADO, Fernando Patrício

1982 *A viação romana no concelho de Penamacor. Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga*, Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, Penamacor, p. 83-98.

DAVID, Pierre

1947 *Études historiques sur la Galice et le Portugal du Vème au XIIème siècle*, Lisboa.

DIAS, Eduardo Rocha

1903 *Notícias archeológicas extraídas do “Portugal antigo e moderno” de Pinho Leal*, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes

1935 *Pelourinhos e fôrcas do distrito de Castelo Branco*, Castelo Branco.

1944 *Etnografia da Beira*, Lisboa, 1.

1953 *Etnografia da Beira*, Lisboa, 8.

DIAS, João José Alves

1982 *A Beira Interior em 1496. (Sociedade, administração e demogrfia)*, Arquipélago, Ponta Delgada, série Ciências Sociais, 4, p. 95-103.

1988 *A comarca de Castelo Branco em 1527-1540 - Aspectos administrativos e demográficos*, Ensaios de História Moderna, Lisboa, p. 145-152.

DIAS, José Lopes

1971

Tópicos ambientais e humanos para a história cultural e política da Beira Baixa, Anais da Academia Portuguesa de História, Lisboa, 2ª série, 19; Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 36, p. 224-318.

Francisco Tavares Proença Jr. - Fundador do Museu de Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 40, p. 1-249.

DIAS, Vítor Lopes

1961

O distrito de Castelo Branco na organização e na divisão administrativa. (1ª parte), Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 1, p. 71-88.

EDMONSON, J. C.

1987

Two industries in roman Lusitania. Mining and garum production, B. A. R., Oxford, international series, 362.

ENCARNAÇÃO, José d'

1973

Banda, uma importante divindade indígena, Conimbriga, Coimbra, 12, p. 119-124.

1975

Divindades indígenas sob o domínio romano em Portual, Lisboa.

1981

A religião não oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império, Memórias de História Antigua, Oviedo, 5, p. 19-31.

1990

O domínio romano: A religião, Nova História de Portugal, (dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão), Lisboa, 1, p. 442-461.

1996

Libertos no termo da Egitânia romana, Materiais, Castelo Branco, 2ª série, 0(2), p. 13-19.

ESTAÇO, Gaspar

1621

Várias antiguidades de Portugal, Lisboa.

ESTATUETA COM ...

- 1967 *Estatueta com cerca de 1900 anos considerada única no ocidente europeu*, O Século, Lisboa, 24 de Outubro.

ÉTIENNE, Robert

- 1974 *Le culte impériale dans la Péninsule Ibérique, d'Auguste à Diocletien*, Paris.

ÉTIENNE, Robert, e FABRE, Georges

- 1972 *C. Turanius Rufus de Conimbriga*, Conimbriga, Coimbra, 11, p. 193-204.

FABIÃO, Carlos

- 1992 *O passado proto-histórico e romano: a romanização do actual território português*, História de Portugal (dir. José Mattoso), Lisboa, 1, p. 203-299.

FARIA, A. Marques de

- 1987 *Guerras e conflitos no vale do Tejo na antiguidade. O testemunho dos tesouros monetários*, Arqueologia do Vale do Tejo, Lisboa, p.60-61.

FARIA, Manuel Severim de

- 1791 *Notícias de Portugal*, Lisboa, 2.

FERREIRA, Octávio da Veiga

- 1963 *Algumas descobertas importantes da pré e proto-história portuguesa nos últimos anos*, Revista de Guimarães, Guimarães, 73, p. 271-280.
- 1973 *Algumas notas acerca da cultura da vinha na antiguidade*, Estudos Italianos em Portugal, Lisboa, 36, p. 180-186.
- 1973/1974 *Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados ou pouco conhecidos*, (2ª parte), Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa, Lisboa,

79/80, p. 131-150.

- 1977 *Subsídio para a carta arqueológica da região egitaniense*, Setúbal Arqueológica, Setúbal, 4, p. 227-235.

FERREIRA, Octávio da Veiga e **LEITÃO**, Manuel

- S/d *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*, Mem Martins.

FERREIRA, Seomara da Veiga

- 1969 *Marcas de oleiro em território português*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 3ª série, 3, p. 131-177.

FERREIRA, Seomara da Veiga, e **COSTA**, Maria da Graça Amaral da

- 1968/1970 *A "ichoça" do pastor em Idanha-a-Velha*, Arquivo de Beja, Beja, 25-27, p. 77-84.
- 1968/1970 *Orações do dia e da noite em Idanha-a-Velha (Egitânia)*, Arquivo de Beja, Beja, 25-27, p. 85-98.
- 1970 *Etnografia de Idanha-a-Velha (Egitânia)*, Castelo Branco.

FERRO, Maria José Pimenta

- 1971 *As doações de D. Manuel I, duque de Beja, a algumas igrejas da Ordem de Cristo*, Do Tempo e da História, Lisboa, 4, p. 153-172.

FIGUEIREDO, António Mesquita de

- 1951 *A ponte romana de Alcantara sobre o rio Tejo em Espanha, província de Cáceres. Um glorioso episódio da Guerra da Restauração. (Nótulas de arqueologia e história)*, Lisboa.

FLOREZ, Enrique

- 1736 *España sagrada*, Madrid, 16.

FONSECA, Crispiniano da

1927 *A Aegitânea (Idanha-a-Velha)*, Lisboa.

FORNI, Giovanni

1976 *La tribu Papiria di Augusta Emerita*, Augusta Emérita. Actas del Simposium Internacional Comemorativo del Bimilenario de Mérida, Madris, p. 32-42.

GABINETE DE ARQUEOLOGIA

1995 Circuito arqueológico. Roteiro de visita a Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova.

GARCIA, António Elias

1938 *As moedas visigôdas da Egitânia*, Castelo Branco.

1940 *As moedas visigôdas de Monecipio*, Subsídios para a História Regional da Beira Baixa, Castelo Branco, 1, p. 97-108.

1950 *As moedas visigôdas da Lusitânia*, Revista de Guimarães, Guimarães, 60, p. 73-153.

1960 *Um triente inédito de Chindasvinto batido em Bardi*, numus, Porto, 6, p. 7-10.

GARCIA, José Manuel

1981 *Observações sobre a epigrafia do Museu Tavares Proença Júnior*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, nova série, 7, p. 24-34.

1984 *Epigrafia lusitano romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.

S/d *História de Portugal. Uma visão global*, Lisboa.

GARCIA IGLÉSIAS, Luís

1976 *Autenticidad de la inscripción de municipios que sufragaron el puente de Alcantara*, Revista de Estudios Extremeños, Badajoz, 32, p. 263-275.

GARCIA Y BELLIDO, António

- 1961 *El "ejercitus hispanicus" des Augusto a Vespasiano*, Archivo Español de Arqueologia, Madrid, 24, p. 114-160.
- 1964 *El arte visigótico de Portugal*, Archivo Español de Arqueologia, Madrid, 37, p. 162-164.
- 1971 *El recinto mural romano de Évora Liberalitas Iulia*, Conimbriga, Coimbra, 10, p. 85-92.
- 1971 *Colchenares romano visigodos de la Península Ibérica*, Conimbriga, Coimbra, 10, p. 93-97.

GARCIA MERINO, C.

- 1975 *Población y poblamiento en Hispania romana. El Conventus Cluniensis*, Valladolid.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

- S/d *Egitânia*, Lisboa, 9, p. 444-445.

GOMES, Pinharanda

- 1981 *História da diocese da Guarda*, Braga.

GOMES, Rita Costa

- 1996 *Castelos da Raia. I Beira*, Lisboa.

GROSSE, Roberto

- 1947 *Las fuentes de la época visigoda y bizantina*, Fuentes Hispaniae Antigua, Barcelona.

HAUSCHILD, Theodor

- 1986 *Arte visigótica*, História da Arte em Portugal, (dir. Jorge Alarcão), Lisboa, 1, p. 148-169.

HIPÓLITO, Mário Castro

- 1960/61 *Dos tesouros de moedas romanos em Portugal*, Conimbriga, Coimbra, 2-3, p. 1-166.

HORMIGO, José Joaquim M.

- 1981 *Visitações da Ordem de Cristo em 1505 e 1537*, Amadora.

HÜBNER, Emil

- 1869 *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlin, 2.
1871 *Notícias archeológicas de Portugal*, Lisboa.
1892 *Corpus Inscriptionum Latinarum. Supplementum*, Berlin.

HUFFSTOT, John Stewart

- 1990 *Report of a visigothic tremissis found near Idanha-a-Velha*, Numus, Porto, 2ª série, 12-13, p. 51-57.

IDANHA-A-NOVA

- 1992 *Idanha-a-Nova*, Portugal Turismo. Atualidade, Lisboa, 107, p. 43-59

INFANTE, António Franco

- 1985 *Culto marial na diocese de Portalegre - Castelo Branco*, Portalegre.

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

1986 Imóveis classificados, Lisboa.

JORDÃO, Levy Maria

1859 *Portugalliae inscriptiones romanas*, Lisboa.

LAMBRINO, Scarlat

1956 *Les inscriptions inédites du Musée Leite de Vasconcelos*, O Arqueólogo Português, Lisboa, 2ª série, 3, p. 5-73.

LANDEIRO, José Manuel

1940 *Diocese da Guarda com sede em Idanha-a-Velha (Egitânia), Penamacor e Guarda. O arciprestado de Penamacor*, Vila Nova de Famalicão.

1952 *Da velha Egitânia*, Beira Alta, Viseu, 11, p. 3-31.

1961 *A vila de Penamacor. A cidade de Asygriavaca - estradas romanas*, Numus, Porto, 6, p. 149-152.

1964 *Transferência da sede da diocese egitaniense de Idanha-a-Velha para a Guarda*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 11, p. 89-92.

LANGMANS, Almeida

1968 *Antropologia luso-atlântica. Estudo do Homem português*, Lisboa.

1970 *Antropologia luso-atlântica. Estudo das maneiras de viver do Homem português*, Lisboa.

LEAL, Augusto Pinho

1874 *Portugal antigo e moderno*, Lisboa, 3.

LEAL, Manuel Pereira da Silva

- 1722 *Catalogo dos bispos da Idanha e da Guarda*, Lisboa.
1729 *Memórias para a história eclesiástica do bispado da Guarda*, Lisboa, 1.

LOPES, F. Pina

- 1938 *As moedas visigodas da Egitânia*, Beira Baixa, Castelo Branco, 64.
1951 *A Egitânia através dos tempos*, Lisboa.

LOURENÇO, Francisco Vaz

- 1983 *Castelos de montanha, castelos de planície*, Actas das 1as Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares, Castelo Branco, p. 27-29.

MACHADO, João L. Saavedra

- 1965 *O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*, Ethnos, Lisboa, 1, p. 11-41.

MACÍAS, Santiago

- 1992 *O Garb-al-Andaluz: resenha dos factos políticos*, História de Portugal (dir. José Mattoso), Lisboa, 1, p. 417-437.

MACEDO, F. Newton de

- 1928 *O domínio germânico*, História de Portugal (dir. Damião Peres), Barcelos, 1, p. 291-361.

MACIEL, M. Justino

- 1992 *Vectores da arte paleocristã em Portugal nos contextos suévico e visigótico*, 34° Corso di Cultura sull'Arte Revennate e Bizantina, Ravenna, p. 435-495.

MANGAS, Júlio

- 1971 *Esclavos y libertos en españa romana*, Salamanca.
- 1978 *Religiones indigenas en Hispania*, História de España Antigua, Madrid, 2, p. 579-611.

MANTAS, Vasco Gil Soares

- 1982 *Presas romanas de Portugal (addenda al catálogo de presas de la Hispania romana)*, Noticiário Arqueológico Hispanico, Madrid, 14.
- 1988 *Orarium donavit igaiditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana*, Actas del 1er Congreso Peninsular de História Antigua, Santiago de Compostela, 2, p. 415-439.
- 1990 *A rede viária no Convento escalabitano*, Actas del Symposium sobre la Red Viária en la Hispania Romana, Zaragoza, p. 219-239.
- 1993 *Ervegetismo e culto oficial: o construtor de templos C. Cantius Modestinus*, Religio Deorum. Actas del Colóquio Internacional de Epigrafia, Sabadell, p. 227-250.

MARCELO, M. Lopes

- 1993 *Beira Baixa*, Lisboa.

MARQUES, Gustavo

- 1969 *O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)*, Conimbriga, Coimbra, 8, p. 65-84.

MARROCOS, António Capelo Manzarra

- 1936 *Idanha-a-Velha. Estudo antrípogeográfico*, Vila Nova de Famalicão.

MARTINS, Rui Cunha

- 1989 *O espaço, essa grande escultura. Para uma geografia política do período suevo-visigótico*, Arquipélago, Ponta Delgada, 11, p. 89-105.

MATOS, Armando de

1947 *A basílica de Idanha-a-Velha*, Douro Litoral, Porto, 2ª série, 7, p. 32-33.

MATOS, José Vasco Mendes de

1972 *Esquema para uma biografia da cidade de Castelo Branco*, Castelo Branco.

1978 *Apontamentos para uma bibliografia da Beira Baixa*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, nova série, 4, p. 51-97.

MATOSO, José

1992 *A época suévica e visigótica*, História de Portugal (dir. José Mattoso), Lisboa, 1, p. 301-359.

MILES, Georges C.

1952 *The coinage of the visigoths of Spain. Leovigild to Achilla II*, New York.

MIRANDA, Abílio

1969 *Egitânia, Anégia, Egitana*, Penafiel.

MONTEIRO, José Alves

1974 *Término de Peroviseu na Lusitânia romana*, Conimbriga, Coimbra, 13, p. 57-61.

MORENO, Humberto Baquero

1986 *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI. Estudos de história*, Lisboa.

NUNES, António Lopes Pires

1988 *O castelo estratégico português e a estratégia do castelo em Portugal*, Lisboa.

NUNES, António Lopes Pires e **RIBEIRO**, João Henriques

1980 *Castelo Branco e a sua região. História, arte e etnografia*, Coimbra.

OCAMPO, Florián de

1517-1561 (?) *Antiquae inscriptiones et epigraphia*, Madrid.

OLEIRO, João Manuel Bairrão

1952 *Catálogo das lucernas romanas*, Coimbra.

OLIVEIRA, Carlos de

1940 *Apontamentos para a monografia da Guarda*, Guarda.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de

1984 *Bibliografia arqueológica portuguesa (1935-1969)*, Lisboa.

1993 *Bibliografia arqueológica portuguesa (séc. XVI-1934)*, Lisboa.

PALOL, Pedro de

1966 *Demografia y arqueologia hispanicas en los siglos IV al VIII. Ensayo de cartografia*, Boletín del seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Valladolid, 32, p. 1-66.

1967 *Arqueologia cristiana de la España romana*, Madrid.

S/d *Arte hispanico de la época visigoda*, Barcelona.

PALOL, Pedro de, e **RIPOLL**, Gisela

1988 *Los godos en el occidente europeo. Ostrogodos, y visigodos en los siglos V-VIII*, Madrid.

PARIS, Pierre

- 1911 *L'archeologie en espagne et en Portugal. Mai 1908-1910*, Bulletin Hispanique, Bordeaux, 13, p. 1-30 e 109-132.

PEREIRA, Félix Alves

- 1904 *Acquisições do Museu Ethnológico Português*, O Archeólogo Português, Lisboa, 9, p. 37-39.
- 1909 *Ruínas de ruínas ou destroços igeditanos (I). Elenco de epigraphia lusitano romana. A) Inscrições hierológicas*, O Archeólogo Português, Lisboa, 14, p. 169-197.
- 1913 *Ruínas de ruínas ou destroços igeditanos (II). Os deuses igeditanos Arentius e Revalanganitaecus*, Boletim da Associação dos Archeólogos Portugueses, Lisboa, 5ª série, 13, p. 3-14.
- 1914 *Idanha-a-Velha (breve notícia)*, Nova Carta Corográfica de Portugal (dir. Marquês de àvila e Bolama), Lisboa, 3, p. 179-184.
- 1917 *Ruínas de ruínas ou destroços igeditanos (III). A ermida de S. Pedro de Vila Corça*, O Archeólogo Português, Lisboa, 21, p. 18-27.
- 1930 *O deus igeditano Arêncio*, Terras da Beira, Castelo Branco, 21.
- 1932 *Nova ara do deus " Arentius " dos igeditanos*, Revista de Arqueologia, Lisboa, 1, p. 16-22 e 86-92.
- 1938 *Vestígios do passado em Idanha-a-Velha. Ruínas de ruínas ou destroços igeditanos (IV)*, O Archeólogo Português, Lisboa, 30, p. 186-204.

PEREIRA, Maria Amélia Horta

- 1970 *Monumentos históricos do concelho de Mação*, Mação.

PIMENTA, Alfredo

- 1944 *Alguns documentos para a história de Idanha-a-Velha*, Subsídios para a História Regional da Beira Baixa, Castelo Branco, 1, p. 123-201.

PIRES, César

- 1917 *Moedas romanas achadas na Idanha*, O Archeólogo Português, Lisboa, 4, p. 79-80.

PONTE, Maria Salete da

- 1987 *Cinco fíbulas de Idanha-a-Velha*, Cadernos do Centro de Estudos Epigráficos da Beira, Castelo Branco, 9.

PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de

- 1908 *Ensaio de classificação dos castros portugueses*, Leiria.
- 1909 *Inscrições inéditas. Simples notícia*, O Archeólogo Português, Lisboa, 12, p. 172-187.
- 1910 A *Inscrições inéditas*, O Archeólogo Português, Lisboa, 15, p. 39-54.
- 1910 B *Archeologia do districto de Castello Branco (1ª contribuição para o seu estudo)*, Leiria.
- 1910 C *Inscrições portuguesas do districto de Castello Branco*, Materiais, Leiria, p.
- 1910 D *Inscrições de Idanha-a-Velha*, Materiais, Leiria, 3, p. 83-102.

QUINTELA, António Carvalho, **CARDOSO**, João Luís, e **MASCARENHAS**, José M.

- 1986 A *Barragens romanas do sul de Portugal - contribuição para o seu inventário e caracterização*, Recursos Hídricos, Lisboa, 6, p. 61-77.
- 1986 B *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*, Lisboa.
- 1995 *Barragens romanas do distrito de Castelo Branco e barragens de Alferrarede*, Conimbriga, Coimbra, 34, p. 75-127.

RAPOSO, Hipólito

- 1931 *Idanha-a-Velha, Penamacor e Monsanto*, IV Congresso Beirão, Vila Nova de Famalicão, p. 30-40 e 196.
- 1935 *A Beira Baixa ao serviço da nação*, Boletim da Casa das Beiras, Lisboa, 4.

RAU, Virgínia

1965

Para a história da população portuguesa dos séculos XV e XVI (resultados e problema de métodos), Do Tempo e da História, Lisboa, 1, p. 7-46.

RESENDE, André de

1790

De antiquitatibus lusitanae, Coimbra, 1-2.

RIBEIRO, Fernando Nunes

1970

Idanha-a-Velha, Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Lisboa, 10, p. 798-799.

RIBEIRO, João Henriques

1986

Subsídios para o estudo da romanização no distrito de Castelo Branco, Arqueologia da Beira Baixa, Castelo Branco, p. 30-40.

RIBEIRO, Orlando

1970

A evolução agrária no Portugal mediterrâneo, Lisboa.

ROCHA, Manuel da

1730

Portugal renascido ..., Coimbra.

ROLDÁN HERVÁS, José Manuel

1968-1969

Fuentes antiguas para el estudio de los Vettones, Zephyrus, Salamanca, 19-20, p. 73-106.

ROUX, Patrick

1982 *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Bordeaux.

QUEIRÓZ, José

1987 *Cerâmica portuguesa*, Aveiro, 1.

SÁ, Mário de

1967 *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio*, Lisboa, 6.

SALRACH, Josep M.

1983 *A Hispânia visigoda, História de Portugal*, (dir. José Hermano Saraiva), Lisboa, 1, p. 225-244.

SALVADO, António

1976 *Elementos para um inventário artístico do distrito de Castelo Branco*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, nova série, 1, p. 3-40.

SALVADO, Maria Adelaide

1993 *O espaço e o sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça*, Idanha-a-Nova.

SALVADO, Maria Adelaide Neto, e **SALVADO**, Pedro Miguel

1995 *Rei Wamba. Espaço e memória*, Coimbra.

SALVADO, Pedro Miguel

1983 *As muralhas e a torre de Idanha-a-Velha*, Idanha-a-Nova.

1986-1987 *Idanha-a-Velha: das ruínas de ruínas a que futuro*, O Estudo da História,

Lisboa, 2ª série, 2, p. 93-96.

1988

Elementos para a cronologia e para a bibliografia de Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova.

SAN ANTÓNIO, Ricardo Hurtado de

1976

Identificación y localización de los municipios estipendiários que sufragaron el puente de Alcantara, Revista de estudios Estremeños, Badajoz, 32, p. 605-618.

SANCHEZ-ALBORNOZ, C.

1945

Donde y quando murió Dom Rodrigo, último rey de los Godos, Cuadernos de História de España, Buenos Aires, 3.

SANTOS, Clarinda Moutinho

1993

Concelho de Idanha-a-Nova, Actividade Cultural da Zona Centro, Boletim Informativo, Coimbra, p.55-77.

SARAMAGO, José

1981

Viagem em Portugal, Lisboa.

SARMENTO, Francisco Martins

1883

Expedição científica à serra da Estrela em 1881 - relatório da secção de arqueologia, Lisboa.

SCHLUNK, Helmut, e HAUSCHILD, Theodor

1978

Die denkmäler der frühchristlichen und wesgotischen zeit, Mainz

SCHWARZ, Samuel

- 1936 *Arqueologia mineira. Trabalhos romanos*, Boletim de Minas, Lisboa, 1, p. 35-38.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da

- 1983 *A idade dos metais em Portugal*, História de Portugal, (dir. José Hermano Saraiva), Lisboa, 1, p. 101-148.

SILVEIRA, Francisco do Nascimento

- 1883 *Mappa breve da Lusitânia e Galiza bracarense ...*, Lisboa, 1.

SOUSA, Manuel de Faria e

- 1678 *Europa portuguesa*, Lisboa, 1.

TORRES, Cláudio

- 1992 A *A sé catedral da Idanha*, Arqueologia Medieval, Mértola, 1, p. 169-178.
1992 B *O Garb-al-Andaluz*, História de Portugal, (dir. José Mattoso), Lisboa, 1, p. 361-437.
1996 *A sé catedral da Idanha*, Materiais, Castelo Branco, 2ª série, 0 (2), p. 45-52.

TOVAR, António

- 1974 *Iberische landeskundi - lusitaniem*, Baden-Baden.
Iberischen landeskune. Die völker und die städte des antiken hispanen, Baden-Baden, 2.

ULBERT, Thild

- 1978 *Frümcristliche basiliken mit doppelapsiden auf der Iberischen halbinsel*, Berlin.

UNTERMANN, Jürgen

1965 *Elementos para un atlas antroponimico de la Hispania antigua*, Madrid.

VARELA, José

1982 *Mais uma inscrição de Idanha-a-Velha (Conventus Scallabitanus)*, Ficheiro Epigráfico, Coimbra, 2, nº 8.

VASCONCELOS, José Leite de

1895 *Cultos luso-romanos em Igeditania. Duas inscrições inéditas*, O Archeólogo Português, Lisboa, 1, p. 225-232.

1903 *Geographia da Lusitânia na época protohistórica*, Lisboa.

1909 *Um deus igeditano*, O Archeólogo Português, Lisboa, 14, p. 243-245.

1913 *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 2.

1916 *Notas epigráficas*, O Archeólogo Português, Lisboa, 21, p. 316-319.

1917 *Pela Beira*, O Archeólogo Português, Lisboa, 22, p. 293-344.

1918 *Antigualhas da Beira Baixa*, O Archeólogo Português, Lisboa, 23, p. 1-8.

1920 *Hierologia lusitânica*, O Archeólogo Português, Lisboa, 24, p. 270-286.

1927 *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (norte, centro e sul)*, Lisboa.

1936 *Etnografia portuguesa*, Lisboa, 2.

VAZ, João Luís da Inês

1976 *Breves notas para o estudo da viação antiga nas Beiras*, Beira Alta, Viseu, 2ª série, 35, p. 343-380.

1977 *Inscrições romanas do Museu do Fundão*, Conimbriga, Coimbra, 16, p. 5-32.

VASQUEZ HOYS, Ana Maria

1983-1984 *El culto a Júpiter en Hispânia*, Cuadernos de Filología Clássica, Madrid, 18, p. 83-215.

VASQUEZ DE PARGA, L.

1943 *La división de Wamba*, Madrid.

VELHO, Martim

1979 *O arrasamento da Idanha em 1133*, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, nova série, 5, p. 45-47.

VITAL, Nestor R. Oliveira Fatia

1983 *Panorâma geo-histórico e numismático da alta Idade Média ibérica ocidental (séculos V a XI)*, Revista de Guimarães, Guimarães, 93, p. 165-183.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de

1966 *Elucidário*, Porto, 2.

VIVES, José

1963 *Inscripciones latinas de España romana*, Barcelona.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins

1961 *Armorial lusitano. Genealogia e heráldica*, Lisboa.

FIGURAS

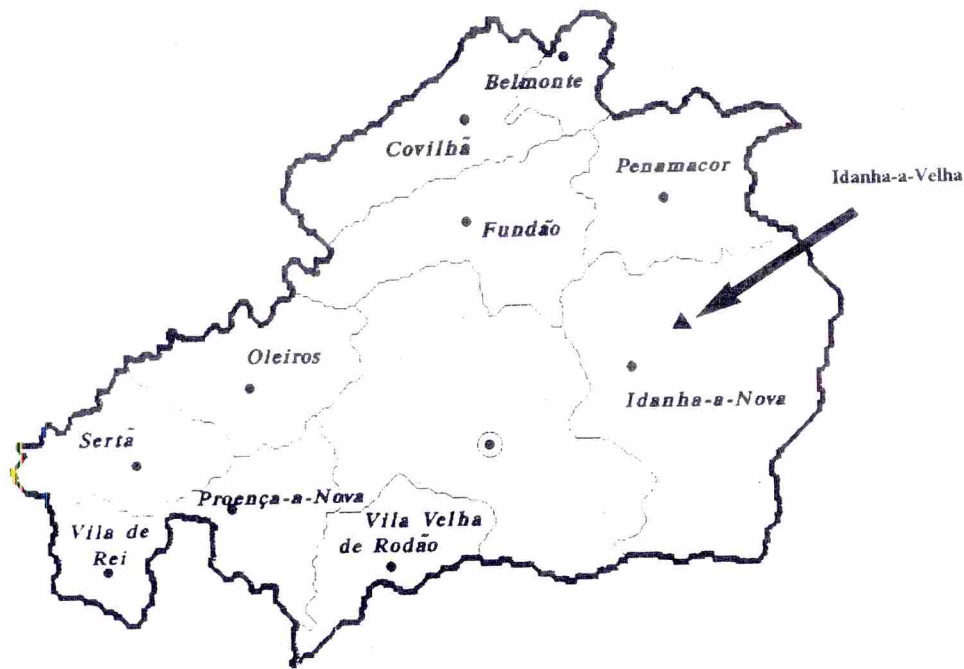


Fig. 1. Localização de Idanha-a-Velha no Distrito de Castelo Branco

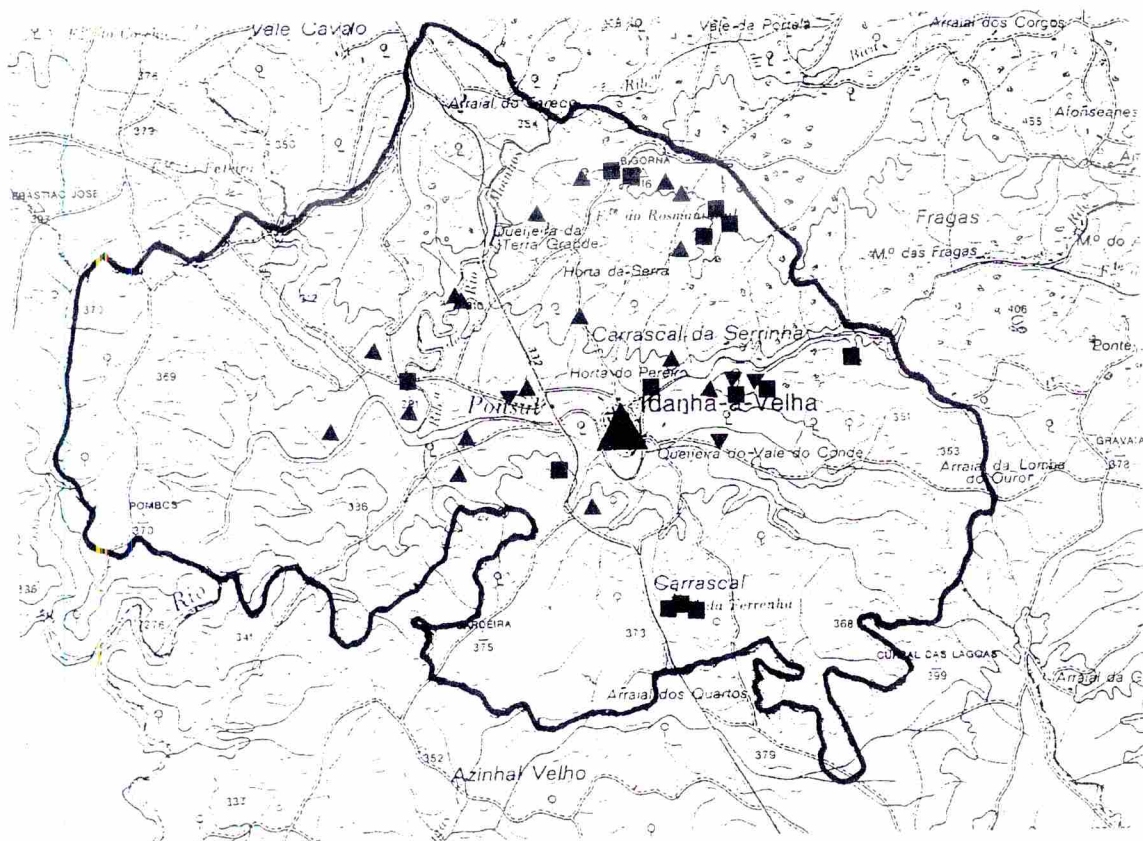


Fig. 2. Distribuição de Monumentos e Sítios em extracto da Carta Cadastral nº 25-A (Idanha-a-Nova), 1950, na escala 1: 50 000, com indicação da cidade romana (triângulo maior), vestígios romanos (triângulo menor), vestígios medievais/modernos (quadrado) e vestígios pré-históricos (triângulo menor invertido).

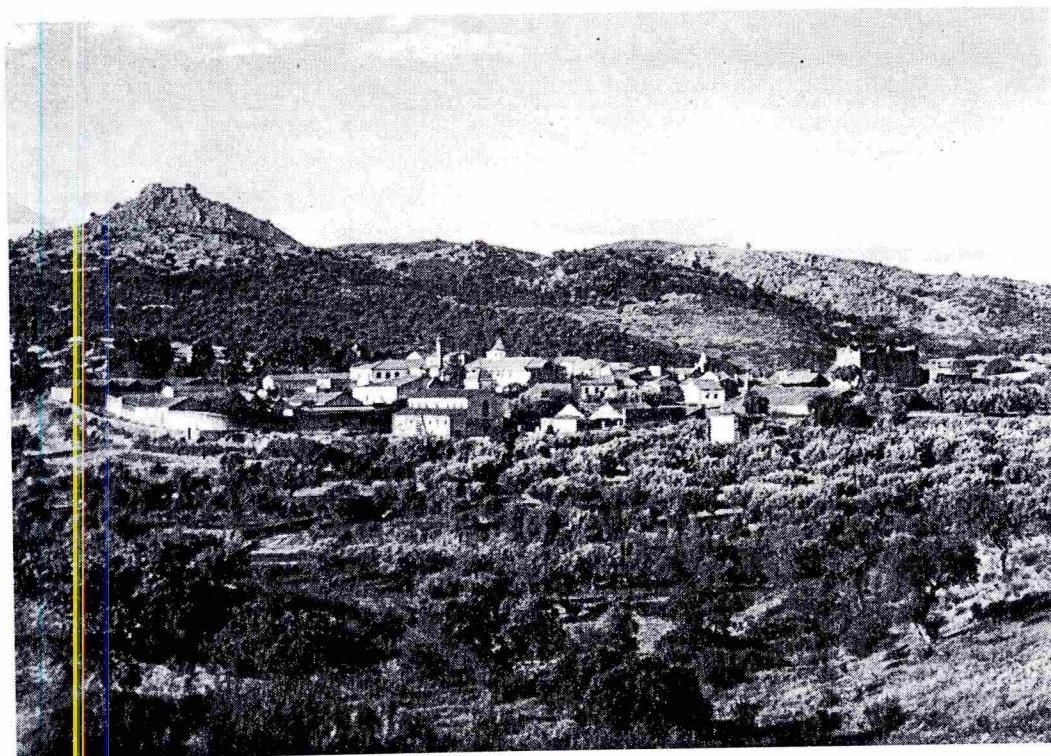


Fig. 3. Vista geral de Idanha-a-Velha, de Sul (seg. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro).



Fig. 4. Pelourinho, *Domus Municipalis* e Igreja Matriz (seg. Junta de Turismo de Monfortinho).

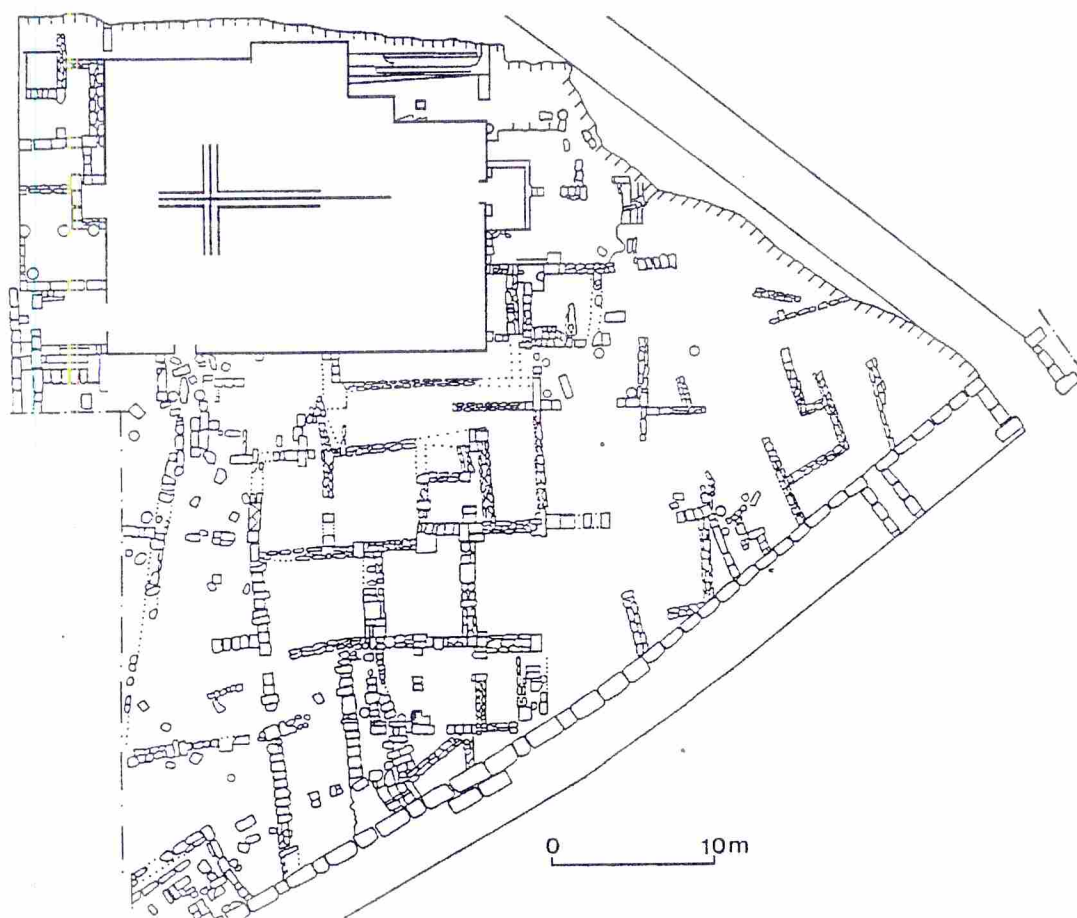


Fig. 5. Planta das estruturas postas a descoberto pelas escavações de F. Almeida e O. V. Ferreira, entre a Sé Catedral e a muralha (seg. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 1995).

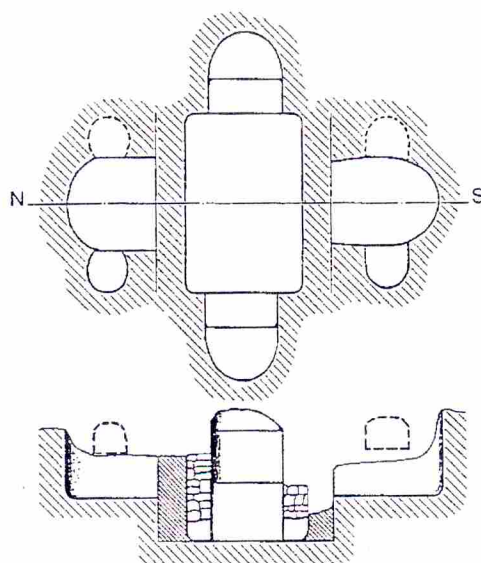


Fig. 6. Planta do baptistério situado imediatamente a Sul da Sé Catedral (seg. Ferreira 1977).

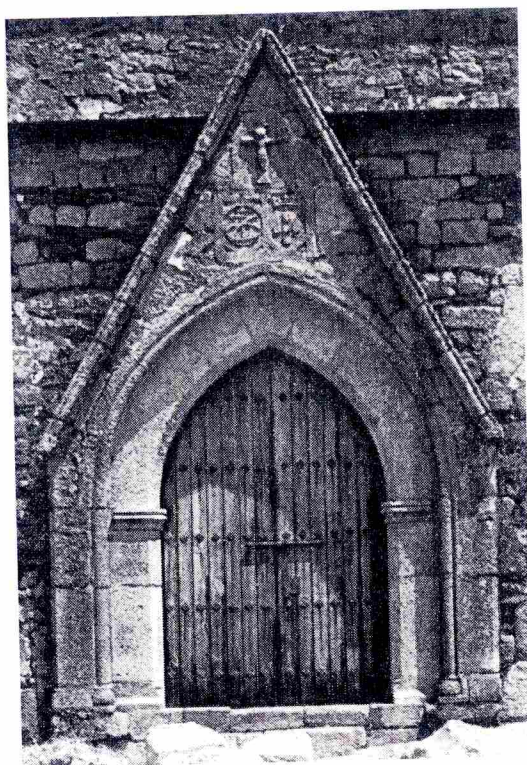


Fig.7. Sé Catedral. Vista de porta manuelina orientada a poente (seg. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro).



Fig.8. Sé Catedral vista de Sul. A construção anexa é a protecção do baptistério.

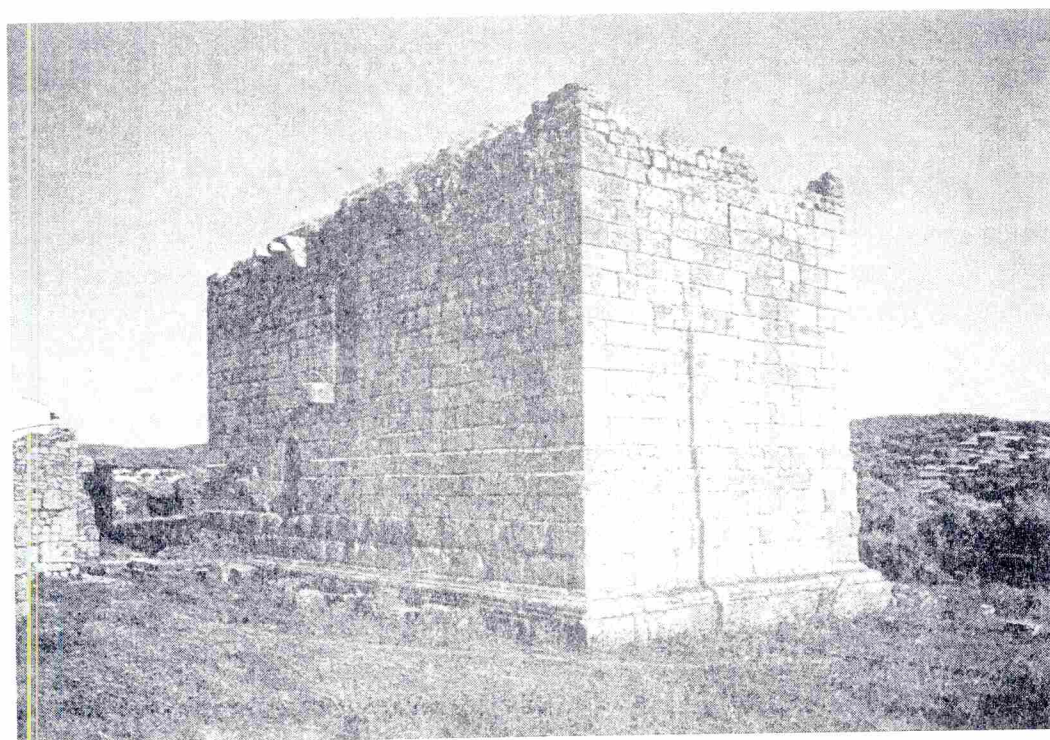


Fig. 9. Torre de menagem assente sobre *podium* de templo romano (seg. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro).

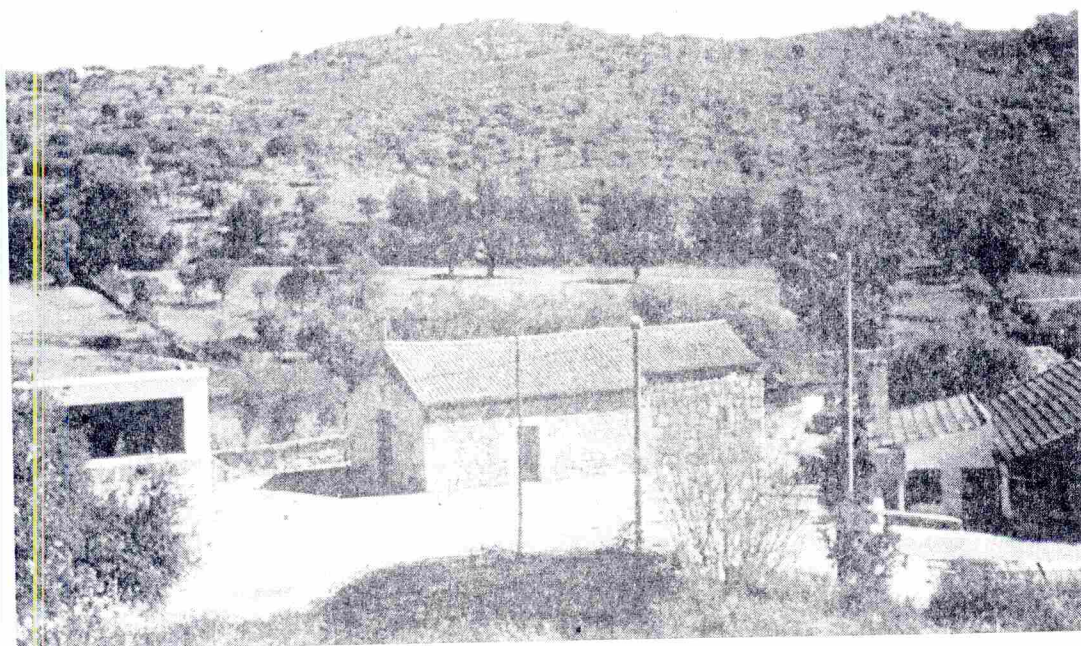


Fig. 10. Vista da Capela do Espírito Santo.



Fig. 11. Estatueta romana de azinho, da colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, Castelo Branco (seg. Museu Francisco Tavares de Proença Júnior).